ANEXO: A GUERRILHA DO ARAGUAIA
E AS MULHERES DO BRASIL – MYRIAN LUIZ ALVES

ARAGUAIA

RELATO DE UM GUERRILHEIRO

Glênio Sá

2ª edição

Anita Garibaldi

ARAGUAIA

Relato de um guerrilheiro

Glênio Sá

Em homenagem a todos os guerrilheiros que deram as suas valiosas vidas para que a chama da resistência democrática à ditadura militar não se apagasse em nossa Pátria e, através deste feito heróico, demonstrassem na prática toda a potencialidade dos sem-terra, posseiros e oprimidos do interior do nosso país.

Dedico, especialmente, a Osvaldão, meu eterno comandante, e a Paulo Fontelles por terem contribuído para o resgate dessa experiência.

Agradeço à companheira Fátima, a Gilsinho e a Janinha, pelo apoio dos mesmos durante a realização deste trabalho.

Á Olga Aguiar, por sua indispensável ajuda.

Á Elza Monnerat, pelo incentivo à realização do mesmo.

1ª edição – 1990

2ª edição – 2004

Anita Garibaldi

Editor: Divo Guilsoni
Edição e projeto gráfico: Mazé Leite
Ilustração da capa: Jaime Leão, publicada no jornal *Movimento* nº 12, de 22/9/1975

Dados de Catalogação na Publicação Internacional (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, Brasil)

Sá, Glênio, m. 1990.
Araguaia : relato de um guerrilheiro : depoimento inédito sobre sua participação na Guerrilha do Araguaia / Glênio Sá. – São Paulo : Editora Anita Garibaldi, 1990.

1. Guerrilha – Araguaia Rio, Vale 2. Guerrilhas – Araguaia, Rio, Vale – Narrativas pessoais I. Título.

90-2211 CDD-981-083

Índices para catálogo sistemático:

1. Araguaia : Guerrilha, 1972-1974 : Brasil : História 981.083
2. Guerrilha do Araguaia, 1972-1974 : Brasil : História 981.083
3. Guerrilheiros : Narrativas pessoais : Guerrilha do Araguaia : Brasil : História 981.083
4. Narrativas pessoais : Guerrilha do Araguaia : Brasil : História 981.083

Editora e Livraria Anita Ltda.
Rua Monsenhor Passalácqua, no 158 CEP 01323-010 São Paulo – SP
Fone: (11) 3266-4312 www.anitagaribaldi.com.br livraria@anitagaribaldi.com.br

Apresentação

O modelo de herói burguês é um ser especial que, isolado, acima das multidões apresentadas como ignorantes e indefesas, grita "shazam", supera as limitações impostas pelas leis da natureza, opera prodígios por sua força superior e seu olhar de raios X, faz valer a "ordem e a justiça". É "gente" que não chora, não ri, não ama, nem amigos nem família fazem parte de suas preocupações. São seres fora do tempo e do espaço, ascéticos, assexuados, incolores e inodoros na aparência mas, na verdade, defensores da ordem, da moral e dos princípios das classes dominantes, tidos como indiscutíveis e eternos.

Glênio Sá não tem nada com esta categoria. Homem simples, que fala sinceramente de suas fraquezas e, na convivência com o povo e com seus camaradas, busca a força. Seu relato neste folheto não tem nenhum traço de espetacular, de super-homem. Pelo contrário, grande parte é ocupado com problemas, sofrimentos e tropeços, inclusive com dificuldades provocadas por uma prosaica perdida na selva, e a conseqüente busca de seu grupo guerrilheiro.

Glênio Sá é o retrato do heroísmo do povo que, anonimamente, faz a história, sem pretensões e muitas vezes sem ter plena consciência de seu valor e da proeza de construir e mudar o mundo. Desde as primeiras linhas ele revela sua indignação de estudante secundarista com as injustiças.

E mostra como o descontentamento ganha corpo e tem escoadouro na militância revolucionária ao ingressar no Partido Comunista do Brasil. Daí para aderir com entusiasmo à resistência armada no Araguaia foi apenas questão de tempo. Assumiu seu posto sem vacilar. Enfrentou as durezas da selva, os perigos do combate contra um inimigo mil vezes mais apetrechado, a tortura e a ameaça de morte nas mãos do Exército.

E, com a mesma determinação, depois de comer o pão que o diabo amassou, sem alardear valentia, retornou ao trabalho paciente de reorganizar o Partido no Rio Grande do Norte.

Glênio combateu não de acordo com sua vontade, mas nas trincheiras concretas que a vida coloca. Como fazem milhões e milhões de trabalhadores no dia-a-dia, sob a brutal exploração capitalista. Glênio só se distingue destes companheiros por uma consciência revolucionária que o levou ao estudo da teoria marxista e a aderir ao principal instrumento para a emancipação dos oprimidos, o Partido.

Atua assim como vanguarda não por ostentar tal título no peito ou por arrogantemente tentar

se sobrepor aos demais. Mas pela dedicação, pelo esforço de unir cada fragmento de rebeldia, pela atividade permanente de analisar as coisas e tentar, junto com o povo, encontrar as soluções maiores, que não se limitam às questões imediatas. Por agir agora tendo como bússola um projeto que vê além do horizonte do cotidiano. E por saber que cada tijolo que se soma ganha enorme significado quando está dentro de uma atividade coletiva orientada pela história.

São milhões de heróis, trabalhadores simples como Glênio, que compõem o povo brasileiro e constroem o PCdoB.

Glênio foi, desde o regresso a seu Estado, o principal dirigente do PCdoB potiguar. Foi candidato a vereador em 1988 e em 1990 candidato a senador. Junto com ele faleceu Alírio Guerra, candidato a deputado federal também pelo PCdoB e seu companheiro na direção do Partido.

Na tarde do dia 26 de julho de 1990, após ter participado, na noite anterior, de um comício na cidade de Currais Novos, Glênio decidiu acompanhar os camaradas Alírio Guerra e Antenor Roberto, candidatos a deputado estadual e federal, respectivamente, que, conjuntamente com Valdo Teodósio, presidente do Partido em Santa Cruz, realizariam uma atividade no vizinho município de Jaçanã.

A dois minutos da entrada da cidade, um Opala em alta velocidade e com seus ocupantes alcoolizados, invadiu a pista contrária, atingindo de frente o Volks em que viajavam. Glênio e Alírio - que ocupavam a parte dianteira do veículo - sofreram fraturas, cortes e traumatismos generalizados. Glênio morreu no local, preso entre as ferragens. Alírio, a caminho do hospital de Cuité, na Paraíba.

A repercussão na sociedade potiguar foi imensa. Boletins extraordinários divulgados através das TV's e Rádios locais confirmavam a tragédia. A sede do Partido se encheu. Vizinhos colocaram seus telefones à disposição. Militantes dos Partidos coligados, dirigentes sindicais, pessoas simples do povo, manifestavam ativa solidariedade.

Na madrugada do dia 27, os corpos chegaram à Natal. Os jornais deram grande destaque com manchetes e fotos de capa, biografias e artigos que mesmo assinados por adversários, eram obrigados a reconhecer os exemplos de dedicação às causas populares.

Durante o velório, mais de 5.000 pessoas prestaram homenagem aos dirigentes comunistas. Autoridades, políticos de diferentes partidos, se fizeram presentes. Centenas de telegramas foram dirigidos ao Partido e aos seus familiares.

Ao cair da tarde, uma carreata-monstro conduziu os ataúdes até o cemitério. No percurso, podiam-se ver pessoas nas portas das casas ou nas janelas dos edifícios, chorando ou acenando com lenços vermelhos. Ainda que só agora pudessem ter um conhecimento mais amplo do significado daquelas vidas, não eram, por isso mesmo, menos sinceras em sua dor.

Com esta publicação, a Editora Anita Garibaldi, ao mesmo tempo em que homenageia Glênio e Alírio, contribue no resgate da história da Guerrilha do Araguaia, importante acontecimento na luta do nosso povo pela liberdade.

Os Editores

Os Precedentes

Dois anos depois do golpe militar de 1° de abril de 1964, comecei o meu engajamento na ação política oposicionista, quando ainda fazia o curso ginasial, em Mossoró, maior cidade interiorana do Rio Grande do Norte. Em 1968, já em Fortaleza, participava ativamente do movimento estudantil secundarista quando ingressei nas fileiras do PCdoB. Na época já tinha lido algumas obras de Marx e de Lenin e a entrada no partido foi a concretização da minha atividade militante.

Em 1968, através do CESC (Centro de Estudantes Secundários do Ceará), participei ativamente de todas as manifestações estudantis da época. Senti de perto a repressão policial. Ao mesmo tempo, tomava conhecimento dos fatos nacionais, como a morte do estudante secundarista Edson Luiz, no Rio de Janeiro e a queda do Congresso da UNE em Ibiúna/SP. Chegamos a realizar uma passeata com mais de vinte mil pessoas contra a repressão, no Ceará.

No final de 68, participei do Congresso da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) em Salvador, Bahia, juntamente com mais três delegados cearenses. Chegando em Aracajú, ficamos surpreendidos com a presença de dezenas de policiais nas ruas. Procuramos os motivos para tal manifestação de força militar, e soubemos que tinha havido um golpe dentro do regime: nascera o mal-afamado AI-5, que trouxe para o povo brasileiro drásticas consequências.

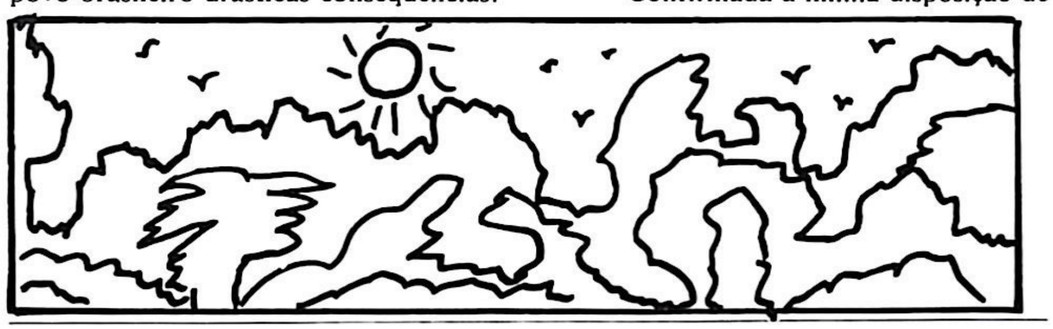
Nesse período, senti na pele o que era viver num país sem liberdade. Uma Junta Militar substituiu o general Costa e Silva e, depois desta, assumiu o comando do país o execrável general Médici. Por minha atuação no movimento estudantil e pelas minhas posições políticas, fui preso duas vezes em 1969.

Um documento do PCdoB intitulado "Guerra Popular, Caminho para a Luta Armada no Brasil" incentivou-me a sair à procura do que existia de concreto sobre a preparação dos comunistas para a luta armada. Solicitei o meu deslocamento para o campo, usando como argumento a minha origem sertaneja.

No início dos anos 70 fui avisado, em reunião do Comitê Regional do Ceará, que talvez fosse enviado para trabalhar no interior. Carlos Danielli, membro do Comitê Central do partido, veio conversar comigo e deu as orientações finais para que se concretizasse o plano. Eu teria três dias para me desvencilhar de todos os problemas e viajar para São Paulo. Aceitei na hora. Danielli chegou dentro do horário combinado e eu com um minuto de adiantamento. Caso eu atrasasse cinco minutos, já havia outro local e horário também combinados.

Fui levado, de olhos vendados, até um aparelho do partido. Estavam lá alguns camaradas da direção nacional, que testaram minhas condições para a tarefa que tinham em mente.

Confirmada a minha disposição de



enfrentar os desafios do campo, me comunicaram que eu iria com um conhecido e que só o encontraria na rodoviária de Anápolis, em Goiás. Era Geraldo. Ele estava acompanhado do camarada Zeca e viajamos os três com destino à cidade de Imperatriz, no Maranhão, após comprarmos botas e facões.

Em Imperatriz, compramos mantimentos e pernoitamos. No dia seguinte, tomamos um barco e viajamos durante uma semana, descendo o rio Tocantins e subindo o Araguaia. Alcançamos o vilarejo de Santa Isabel e, para continuar a viajem até o nosso destino final, tivemos que contratar um barco com motor de popa e um especialista em dirigí-lo contra a correnteza da cachoeira. Foi o momento mais emocionante dessa viajem extremamente bela.

Ao fim da viajem fizemos a primeira descoberta sobre nossa futura moradia: estávamos dentro das fronteiras do município de São João do Araguaia, sul do Pará. Desembarcamos na margem esquerda do rio e caminhamos duas léguas, com as compras nas costas e nova pergunta na cabeça: quem seria o Tio Cid, do qual Zeca dizia a todos que éramos sobrinhos? E Osvaldão, do qual ouvimos comentários no próprio barco?

- O mineiro vai bem? Como vai o Osvaldão?

Eram perguntas feitas frequentemente a nós pelos moradores, naquele percurso.

No Gameleira

Em fins de julho de 70, no início da noite, chegamos finalmente à casa feita de paus e palha, cercada de mato, onde nos aguardavam um velhinho magro e um negrão descomunal, de porte atlético. Os dois estavam armados. Depois vim a saber que o velho era João Amazonas e o negrão atlético era o próprio Osvaldão.

Após nos servirem uma comida muito gostosa, cosida em fogo de lenha, fizeram uma exposição sobre a nossa vida a partir de agora, a importância da nova tarefa e os cuidados no relacionamento com os moradores da região, nossos vizinhos.

Inicialmente era preciso limpar o mato em redor da casa. Depois fazer uma estradinha até o rio Gameleira que corria a cerca de 150 m de distância. Em seguida, levantar uma nova casa, mais escondida, à esquerda de quem descia para o rio. Devíamos, também, ter o cuidado de ouvir muito e falar pouco.

Nos primeiros dias de trabalho com o facão, cortando o mato, apareceram bolhas nas palmas das minhas mãos. Como havia muito mato pra ser cortado e o serviço não podia esperar, elas sangravam. Usei as meias como luvas, para amenizar a dor e diminuir o atrito do cabo do facão com a pele fina. Nessa nova tarefa, era necessário engrossar a pele das mãos.

Em menos de um mês de chegada tive minha primeira crise de malária. Devo ter sido picado pelo mosquito transmissor ainda na viajem de barco. Consegui conter a febre tomando comprimidos de Áralen (à base de quinino). Depois dessa, perdi até a conta dos acessos de malária que viria a sofrer. Durante as crises, me impressionava ver os punhos da minha rede tremendo.

Tínhamos um vizinho, o sr. Joaquim, muito vivo e perspicaz. Osvaldão, quando nos apresentou, disse que eu era bom de juquira (corte do mato com facão), coisa que eu não tinha nenhuma experiência. Seu Joaquim logo percebeu isso ao apertar minha mão. Fez um ar de riso e retrucou:

- Ele deve ser bom mesmo é de caneta!

Uma outra ocasião, seu Joaquim nos falou de umas profecias de Antônio Conselheiro. Segundo ele, as previsões anunciavam que haveria "muito chapéu para poucas cabeças".

O trabalho para levantar a nova casa era empolgante. Tínhamos que preparar forquilhas, cumieira, caibros e cortar as melhores folhas de babaçu. Com elas, preparávamos a cobertura da casa que não dava vazamento, mesmo nos invernos mais rigorosos.

Osvaldão participava de todo o trabalho. Era um homem de quase dois metros de altura, calçava nº 48 e já tinha feito de tudo na região: foi mariscador (caçador de pele), garimpeiro, pescador, tropeiro e roceiro, entre outras coisas. Antes, havia estudado Engenharia na Tchecoslováquia, possuía formação militar como oficial do Exército e tinha sido campeão de boxe pelo Botafogo do Rio.

Assim como aconteceu a Osvaldão, nossos vizinhos acabaram sendo nossos professores. Darci, um deles, me ensinou como encontrar inhame. Levou-me à nossa capoeira (roça velha) e mostrou alguns pés. Explicou que era preciso ter cuidado ao arrancar as batatas do solo para não perder os fios que serviam de ligação entre elas. Num domingo de folga, fui a outras capoeiras mais distantes. Encontrei tanta batata que não dava pra carregar sozinho. O jeito foi voltar à casa e pedir ajuda aos camaradas. Inicialmente não acreditaram e chegaram a me criticar por ter saído sem avisar. Mas acabaram pegando uns sacos e indo comigo às plantações de inhame. O deslumbramento foi geral, principalmente porque estávamos com pouco mantimento naquele dia. Era inhame pra dar e vender, sobretudo do roxo, mais nutritivo e gostoso.

Com a chegada do inverno, a nova casa estava pronta. O terreno em frente, do lado direito de quem vai para o rio Gameleira, estava plantado de milho e banana. Tinha também fruteiras ao redor da casa. Tínhamos aberto também várias picadas, para saídas de emergência. O tio Cid, quando chegava da cidade, participava de todas as atividades, apesar da idade, e ficava bravo quando se sentia protegido.

Comecei a sair com os vizinhos para caçar, convencido de que eles eram meus mestres em tudo o que dizia respeito à vida local. Como achar jabuti nas clareiras após as neblinas; como pegar e retirar o tatu do buraco; a inutilidade de perseguir cutia com cachorro; os cuidados com a aproximação dos bandos de porcos queixadas, subindo logo na primeira árvore forte; como tapar com segurança as tocas dos caititus (porco-do-mato) e matá-los com fumaça de palha seca; ficar imóvel ao encontrar um veado e mirá-lo com cuidado antes de atirar, considerando sempre a necessidade de ir procurá-lo morto, escondido próximo ao local do tiro; o perigo de atirar na onça sem matá-la; a matreirice da paca e a gostosura de sua carne; a capacidade do macaco guariba de enroscar seu rabo no galho da árvore, quando leva um tiro, para não cair no chão... Enfim, ia aprendendo tudo da floresta e testava os ensinamentos na prática. Os caboclos ficavam impressionados com a nossa disposição de aprender e de superar nossas dificuldades.

Com a pesca, era a mesma coisa. Certo dia um rapaz, sobrinho de um amigo, achou engraçado o fato de eu levar isca de casa para pescar. Mostrou-me as minhocas na beira do rio e disse que era daquilo que os peixes gostavam. Depois me advertiu para o perigo das arraias e de suas violentas ferroadas com o rabo, que só saravam - dizia ele - quando a ferida era colocada em contato com uma vagina de mulher.

No inverno, os rios enchiam e transbordavam. A correnteza era forte e nós, os novatos, não conseguíamos atravessar os riachos. Osvaldão carregava-nos nos braços, até adquirirmos força e experiência para atravessar sozinhos. Aí então, ajudávamos as mulheres das redondezas a passar pela correnteza, a salvo. E fazíamos isto com todo o respeito a elas. Nesse sentido, a nossa amizade com as famílias vizinhas se fortalecia cada vez mais, na base da solidariedade e respeito mútuo. O que caçavam dividiam conosco e nós fazíamos o mesmo. Confiavam tanto em nós que mesmo as mulheres vinham sozinhas nos visitar, embora só tivessem homens na casa.

Começamos a anunciar a chegada de uma mulher, que viria morar conosco. Era a Sueli, paulista, descendente de japoneses. Antes dela chegar, lembro-me que o Osvaldão chegou a levantar algumas dúvidas sobre a adaptação das mulheres naquela vida dura, mas foram logo dissipadas. A Sueli nos ajudou muito na limpeza dos pés de milho e eles cresciam fortes e com espigas cheias, dando um novo visual à nossa roça. As bananeiras também cresciam bonitas. Tudo florescia. Só quando as capivaras vinham "visitar" nossa plantação, apareciam estragos.

Escolhemos um novo local para os "goianos", "amigos" do Osvaldão. Seria mais abaixo do rio Gameleira. Chegaram João e Maria Dina (casal baiano), Lia e Lourival (casal carioca) e Simão (gaúcho).

Passariam pelo mesmo processo que já havíamos passado, só que agora com mais gente para ajudar. Levantaram uma nova casa e abriram nova roça.

Com o tempo ia chegando mais gente e tínhamos que procurar novos locais. O seu Hermógenes, morador da região, nos ajudou a localizar um outro terreno. Ficava à beira do rio Gameleirinha, afluente do Gameleira, de águas cristalinas, que nascia na Serra das Andorinhas. Os moradores daquele novo local seriam os camaradas Perí e Tuca (casados),além de Manoel (capixaba). Logo nos primeiros dias de chegada, Manoel levou uma rabada de jacaré, quando tentava agarrá-lo. Os jacarés cortavam as nossas redes de pesca, mas nós descobrimos que a forma mais econômica e segura para matá-los era fazer isto à noite, quando seus olhos brilhavam e ficava fácil de acertá-los com uma espingarda de calibre 22, em cujo cano estava apoiada uma lanterna acesa.

Na nova leva de gente que chegava, veio a Tuca, uma enfermeira experiente do Hospital das Clínicas de São Paulo. Logo ela começou a nos dar aulas de primeiros socorros e montou um esquema preventivo contra a malária, que daria bons resultados. Ninguém mais podia ir à beira do rio depois das 17 horas e todos deveriam dormir com mosquiteiro. Tuca era até dentista, quando precisava. Certa vez, ela ficou preocupadíssima por ter quebrado um dente meu, quando tentava arrancá-lo. Eu tinha insistido com ela pra tirar aquele dente que me incomodava muito e, sob a supervisão de Lourival que já me arrancara outro, ela quase conseguiu extraí-lo por inteiro.

A cadeira era um tronco de árvore e as condições as piores possíveis. Mas, com o tempo, o organismo expeliu a raiz, sem maiores problemas.

Resolvemos comprar um castanhal. Ficava a mais de três léguas de distância da casa. Foi comprado em nome do Ferreira (secundarista de São Paulo) e por isso ficou conhecido como o "castanhal do Ferreira". Mudaram-se para o castanhal, além do ex-estudante, Aparício e Valquíria (casal mineiro), Gil e Flávio (Rio) e Raul (Ceará), que antes tinham um pequeno comércio em Santa Cruz, junto com Amauri (mineiro).

A operação Carajás, em fins de 1970, realizada pelas tropas do exército nas redondezas de Marabá, chamou a nossa atenção para a presença dos militares naquela área. Resolvemos melhorar as nossas picadas para movimentos de emergência e intensificamos o armazenamento de comida em alguns pontos da floresta. Tínhamos desenvolvido um método de embalagem anti-umidade e isso seria muito útil depois.

Fizemos, ainda, um mapeamento completo da área, utilizando as bússolas ou ouvindo as opiniões de pessoas mais experientes na floresta. A camarada Lia desenhava os croquis, que continham as grotas, relevos e tipos de vegetação da área. Todos nós precisávamos ter um domínio completo da região.Ficávamos admirados com os caboclos que reconheciam as pessoas até pelos rastros que elas deixavam. Incentivávamos ao máximo os adjuntos (mutirões) em nossa área, e foi basicamente neles que nos inteiramos do sentimento e das reivindicações mais sentidas pelos moradores da região. Os mutirões, além de serem uma forma coletiva de trabalho e ajuda mútua, eram ocasiões de muita descontração. Atraentes eram também as caçadas noturnas, de tocaia. Pendurados em redes armadas nos galhos mais altos, ficávamos à espera do veado ou outros bichos maiores. Só podíamos focar a lanterna colada ao cano da espingarda, quando a caça estivesse comendo. Mas só matávamos os animais para a nossa alimentação, assim como o faziam os caboclos.

Fazíamos adjuntos também para abrir roças na mata coberta de árvores grandes. A derruba dessas árvores era extremamente perigosa, feita apenas com o uso do machado,

e o perigo aumentava quando as árvores ficavam presas por cipós. Eu já era bom de juquira e até participava das corridas nos eitos (alinhamento de mato) com o pessoal da mata. Era um verdadeiro teste de força e agilidade no manejo do facão. Os moradores da região não usavam enxada e carpinadeira naquele trabalho. Muito menos possuíam moto-serra. O machado e o facão eram os únicos instrumentos utilizados na roça e o facão servia para tudo: para preparar o peixe, na caça, para abrir picadas, para construir as casas, para defesa pessoal e até para tirar bicho-de-pé.

A vida do povo da floresta é muito dura. Na roça, além da derriba e da juquira, tem a coivara (limpeza inicial) para preparar o solo para receber as sementes. Depois tem a plantação em si, a manutenção da limpeza em torno dos pés, a colheita, o armazenamento e o transporte, que é muito difícil nessa área. Isso tudo sem falar nos cuidados para que os insetos e os macacos não destruam a plantação. Os macacos usam um sistema de vigilância e retirada organizada. As formigas, aos milhões, atacam a plantação e voltam para o formigueiro carregando pedaços de folhas muitas vezes maiores que elas. O único jeito de combater a praga das formigas é destruir o formigueiro, usando um bom veneno, de difícil aquisição para os moradores da mata.

Além da roça, um trabalho muito duro é o do corte da castanha-do-pará. Tem o perigo mortal da queda dos ouriços (frutos de casca dura); a dificuldade em carregar o paneiro (espécie de mochila aberta na parte de cima, feita de fibras vegetais), cheio de ouriços, descendo as encostas enlamaçadas; a complicação de quebrar os ouriços para retirar as castanhas; o trabalho de lavagem e seleção das castanhas e o transporte até os centros de compra, etc. Nesses centros de compra os caboclos ainda deparam com outro problema: os compradores de castanhas normalmente roubam no peso e no preço, pagando muito menos do que deveriam. E muitas vezes as castanhas são trocadas por víveres com preços triplicados e o trabalhador sai do negócio ainda devendo ao dono do barracão. O trabalho do corte de madeira de lei era também feito apenas com o machado e sem replantio. As enchentes dos rios eram utilizadas para o escoamento das toras cortadas até um determinado local, onde os donos de serrarias recolhiam com caminhões. Este trabalho também era muito mal pago e também muitas vezes trocado por mantimentos e até por roupas usadas.

Respeitávamos completamente as crenças dos caboclos e participávamos de tudo o que ocorria nas redondezas: de novenas a rituais de terecô (espécie de candomblé com influência indígena) que tinha muita influência entre aquele povo. Tínhamos inúmeros afilhados de fogueiras juninas e éramos até chamados para resolver pendências entre eles.

Um certo dia, um sobrinho do seu Darci, nosso vizinho, perguntou-me qual era a nossa religião. Eu, sem responder, perguntei-lhe por que. E tive a seguinte resposta:

- Acho vocês tão bons e diferentes!

Entre os meus deveres, estava o de sintonizar diariamente o nosso velho rádio. Cumpria diariamente um mesmo ritual: às 6 da manhã ouvia a rádio Havana; às 7, o noticiário da rádio Guaíba; às 12, a rádio Bandeirantes; às 19, a de Pequim; às 20, a de Tirana e às 21, a BBC de Londres. Quando a rádio Pequim começou a elogiar o governo Médici pela conquista das 200 milhas e a cobrir a visita do presidente americano Richard Nixon à China, cortamos esse programa do nosso rádio. Não dava pra suportar e logo desconfiamos que a coisa por lá não ia bem. (O nosso partido na época ainda não tinha rompido relações com o PC chinês). Quando chegava alguém com um jornal na área, era a maior disputa. Nossa leitura era reduzida aos domingos e eram principalmente os escritos militares: "Batalha de Stalingrado", "Diário do Che Guevara" e "Os Sertões", de Euclides da Cunha.

Um dia, na tarefa de esconder remédios em troncos de árvores na floresta para utilizarmos em casos de emergência, senti que entrou alguma coisa no meu ouvido. Inicialmente não me perturbou, mas com o passar das horas aquilo foi

me deixando inquieto e começou a doer até à loucura. Após muitas trocas de opiniões entre os camaradas, chegamos a uma conclusão: tinha sido uma mosca varejeira. Alguém sugeriu que se pusesse creolina. Eu, louco de dor, pedi para que pusessem logo e Tuca, nossa enfermeira, ainda quis resistir. Depois o médico falou que a creolina foi minha salvação. Mais algumas horas e eu poderia ter morrido. A creolina era usada para curar bicheiras nos animais.

O nosso treinamento militar se intensificava cada vez mais, mas feito às escondidas dos moradores da região. Nas nossas aulas teóricas aprendíamos tudo sobre guerra regular e irregular, a relação entre os dois tipos, a guerra de guerrilhas, algumas experiências internacionais e nacionais, as contradições da tática anti-guerrilha, a moral dos combatentes, como criar um exército popular, guerra justa e guerra injusta... Algumas orientações deviam ser assimiladas por nós. Lembro-me de dez delas:

1. O homem é o principal numa guerra, não importando o seu tipo;
2. O aspecto político é o dirigente de qualquer luta;
3. A moral depende da causa que se defende;
4. Priorizar a guerra de guerrilhas como o método ideal de luta para nós (luta do fraco contra o forte);
5. Ser ao mesmo tempo político, trabalhador e militar;
6. Lealdade à causa, espírito coletivo, solidariedade, coragem e respeito aos bens, às mulheres e aos costumes do povo;
7. Domínio do cenário onde se desenvolve a luta;
8. A adaptação à vida local já é uma preparação;
9. Disciplina;
10. Indispensável apoio popular.

As aulas práticas eram ministradas das 6:30 às 7:30h. Este era um horário em que nunca apareciam visitas. Eram aulas de tiro ao alvo, exercícios abdominais, lançamento de granadas (com modelos de madeira), rastejamento e camuflagem.

Durante o inverno de 1971, realizamos um treinamento que envolvia todo o nosso pessoal, num total de 19 pessoas, com a participação de dois camaradas da direção do partido: Joaquim (Ângelo Arroio) e Juca (o médico João Carlos Hass). Osvaldão escolheu uma área de acesso difícil, devido às enchentes dos rios e pouco frequentada por caçadores. Era necessário que não fôssemos observados. Utilizamos nossas picadas de emergência, simulando uma retirada. Depois treinamos emboscada, uma tática muito usada em guerrilha e que visa surpreender o inimigo, destruir suas tropas, inquietá-lo e pegar suas armas. Essa tática exige astúcia e um bom conhecimento sobre os deslocamentos das tropas inimigas. Testamos os dois tipos principais, em "U" e "L", de acordo com o terreno e o objetivo proposto. Vimos as vantagens e desvantagens de cada um. Realizamos alguns testes de fustigamento, uma variação de emboscada que exige menos gente e preparo.

O objetivo disso é retardar as tropas, baixar sua moral, criar contradições. Pode ser utilizado antes de uma grande emboscada e pode ser feito por uma única pessoa. Fizemos demonstrações também de armadilhas que causam grande perturbação nas tropas.

Numa noite chuvosa, quando já estávamos acampados, ouvimos latidos de cachorro. Ficamos quietos, temendo a possibilidade de ter um caçador por perto. Mas o cachorro se aproximou do nosso

acampamento: era o nosso cachorrinho mais novo, todo molhado, tremendo de frio, que tinha burlado o nosso esquema de despiste e nos seguiu pelo faro. Ficamos comovidos com a bravura do nosso mascote. Lembrei-me de que em casa muitas vezes levantávamos no meio da noite para espantar os morcegos que chupavam seu sangue. Além desse, tínhamos outro cachorro, mais sisudo, que foi comprado por Osvaldão de uma mulher que precisava de dinheiro. Concluímos, nessa noite, que era preciso nos desfazer dos dois cães.Osvaldão nos mostrou todos os tipos de cipós que continham água e como cortá-los de uma forma que não derramasse. Seriam importantes para os deslocamentos em locais sem grota (riachos).Nosso último exercício seria assaltar a casa dos goianos. Esse tipo de ação exigia rapidez. Observamos o alvo com todo o cuidado. Tínhamos que capturar um prisioneiro e éramos obrigados a usar a camuflagem. Observamos a disposição da guarda, o tipo de armamentos, quantidades de "soldados" (eram cinco) e os seus movimentos. Traçamos o plano e cronometramos o tempo gasto nas ações. Eliminamos a guarda com uma faca (arma branca), após lenta aproximação. Essa operação exige muito sangue frio e coragem. Com o primeiro "tiro" em um "soldado" que se aproximava, iniciou-se um "tiroteio"generalizado e quase nos escapou o nosso prisioneiro. Por fim, avaliamos as dificuldades a serem enfrentadas numa ação real e vimos que a superioridade numérica deveria ser no mínimo de 16 para 5. Terminamos esse treinamento coletivo cansados, mas contentes com o aprendizado.

O ano de 1971 aproximava-se do fim e deixava um saldo positivo para nós. Tínhamos quatro roças de milho e uma de arroz, um castanhal bem tratado e com bom estoque de castanhas, e já conhecíamos bastante da vida na mata.

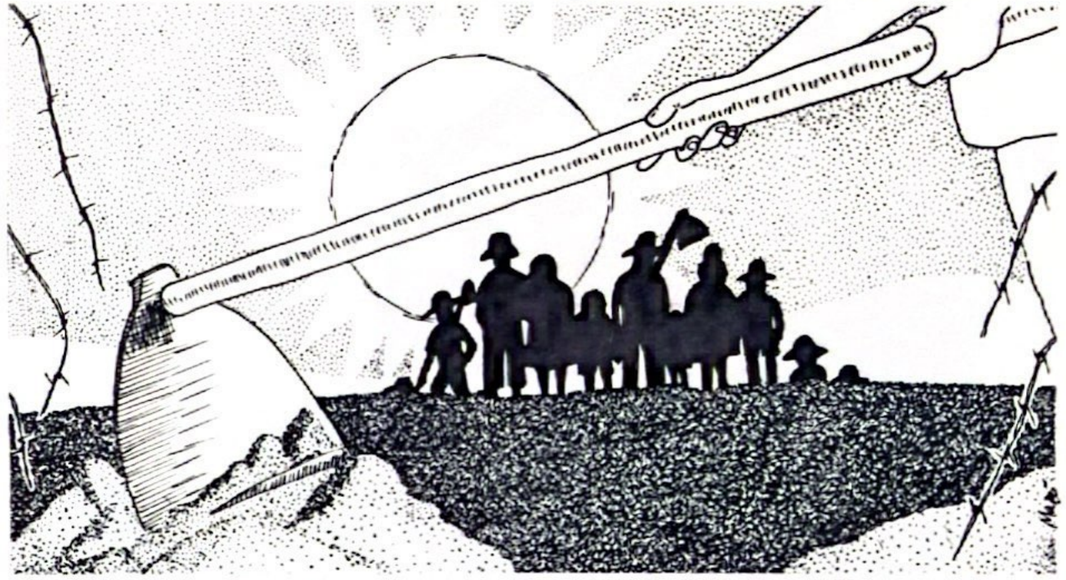
Resolvemos comemorar o ano novo. No dia 31 de dezembro estavam todos no castanhal do Ferreira, inclusive o Tio Cid. A programação começou logo cedo com a preparação de uma emboscada simulada, no caminho que ia para a nossa casa no Gameleira. O local tinha chamado a atenção do nosso comandante. O resultado dessa emboscada foi um veado mateiro morto por Osvaldão para a nossa festa, que ia ter também polenta, feijão, arroz, carne de paca, caititu, palmito de babaçu e muito leite de castanha-do-pará. Entramos no local da nossa festa, o Osvaldão na frente com o mateiro sobre os ombros, em fila indiana, cantando a Internacional. Foi emocionante. Tio Cid, quando ouviu o hino dos proletários saindo de dentro da floresta cantado por um bando de homens armados virou um menino traquinas, saltando no terreiro da casa.

Neste dia tivemos de tudo: jogo de vôlei, música, poesias e teatro. De bebida, a sembereba de bacaba, regando aquela comilança. A noite estava enluarada e ficamos conversando, animados. Cinco minutos para a meia-noite nos perfilamos com as armas empunhadas e saudamos a chegada do ano-novo com tiros para o alto. Éramos vinte pessoas.

Começamos o ano de 1972 com uma nova disposição. Nossa vida estava mais organizada e disciplinada. Os horários das tarefas eram rigorosamente cumpridos. O trabalho na cozinha obedecia a um sistema de rodízio. Certa vez uma mulher que nos visitava estranhou ao ver a Sueli sentada enquanto eu, um homem, preparava o almoço. O cozinheiro do dia também cortava a lenha para o almoço do dia seguinte. Eu nunca tinha cozinhado na vida, mas acabei aprendendo e fazia até frito de jibóia (cobra não venenosa).

A comissão militar passou a nos visitar mais frequentemente. Deveríamos adotar uma nova estrutura militar: um destacamento com um comandante e um comissário político (vice), dirigindo três grupos de sete membros cada e com seus respectivos chefes. Precisávamos, para tanto, de mais quatro pessoas para completar os 23 que seriam necessários. Seríamos ao todo três destacamentos: A, B e C. O nosso era o B.

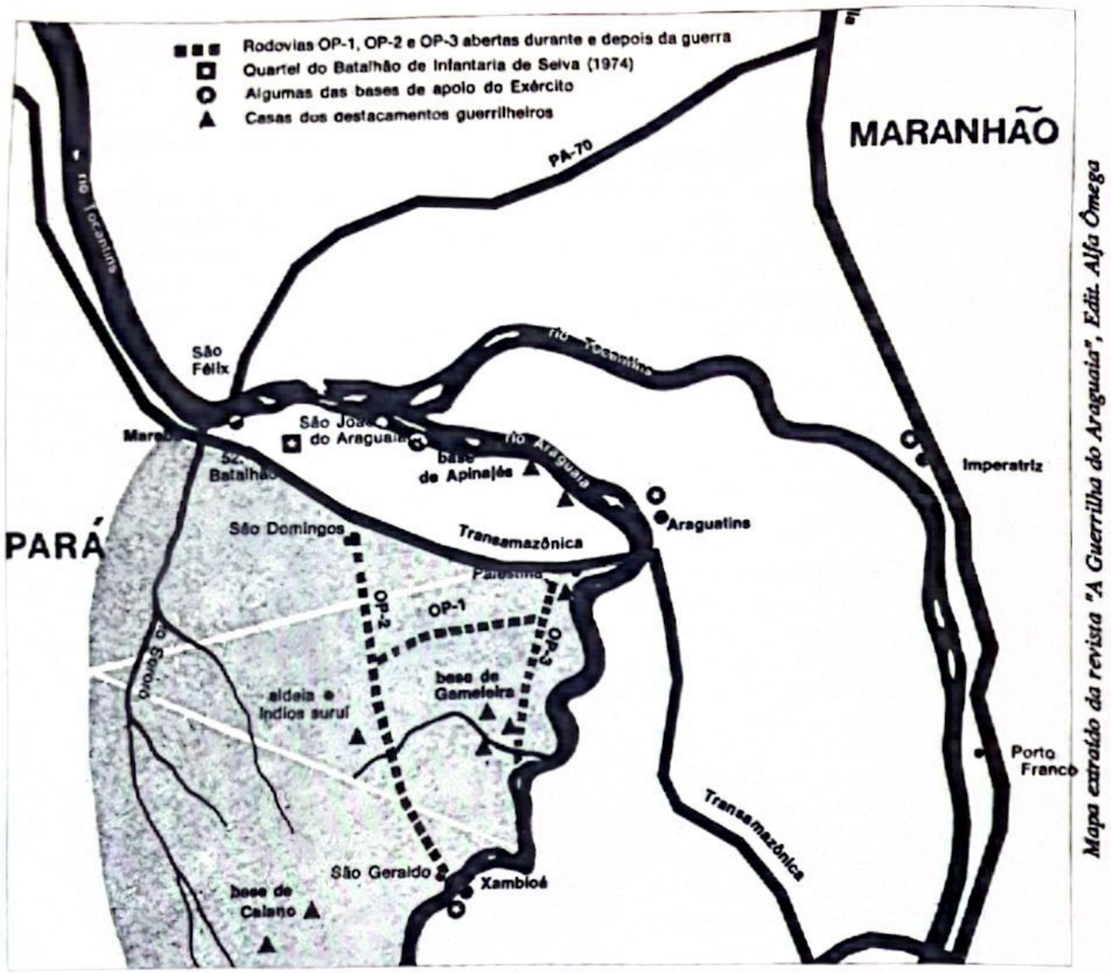
Prosseguíamos nos treinamentos. Pedro, da comissão militar, nos convenceu de que deveríamos aprender a lutar boxe. No primeiro treino levei um direto bem no rosto. Ele pediu desculpas. Em outro treinamento, simulando uma aproximação na nossa capoeira, dei em cima de um grande formigueiro e prossegui normalmente, sendo atacado pelas formigas. Fiquei com o corpo inteiro cheio de calombos e recebi um elogio do Osvaldão, pela minha coragem. Outra vez, reclamei de uma ferida no meu nariz e Tuca acabou concluindo que se tratava de Leishmaniose. Com aplicações de Fuadina consegui curá-la, mas ficou a cicatriz para sempre. O Manoel, outro camarada, chegou a ficar com verdadeiras crateras nas pernas.



Tuca, Lourival, Amauri e Sueli e outros de outras áreas contíguas fizeram um encontro para discutir o problema da saúde, sob a orientação do Juca que era médico. Cada casa, inicialmente, e depois cada grupo, tinha um responsável por esse problema. Nesse período também concluímos a confecção de mochilas novas para todos. Compramos lonas verdes, fivelas, bolsos, agulhas grandes e linhas grossas para fazer as bolsas. Cada um cuidava do acabamento da sua, sob a supervisão de Zeca que era habilidoso em quase tudo. Formado em mecânica de manutenção de aeronaves, trabalhou na Varig, depois de ter sido um desportista destacado (natação, remo e ciclismo). Foi também equilibrista de circo. Chegou a fazer cartucheira de couro de fazer inveja ao zorro. Seria o nosso vice-comandante.

Com a construção da rodovia transamazônica e o projeto do general Médici de colonizar a região, previamos um grande povoamento e o aparecimento da grilagem de terras, incentivada pelos projetos da Sudam. Ficamos sabendo ainda que a Polícia e pistoleiros tinham ido à Igarapé dos Perdidos intimidar as duzentas famílias moradoras do local para sairem de lá. Havia ameaças também na região do Caiano, feitas pela "Codeara". Nessas áreas também tinham pessoas nossas.

Um dia, quando eu e o Geraldo saímos para comprar farinha, o dono do comércio nos falou que jagunços tinham queimado a casa do João da Enedina e destruído sua roça. De volta para casa, tangendo nossa mula, fomos sendo convidados por moradores a "se abancar" (parar) para tomar um café e conversar. O assunto era um só: a grilagem que aumentara na nossa região e o que iríamos fazer. Falávamos para todos que se todos os nossos vizinhos e amigos ficassem unidos os grileiros não iam mexer com ninguém. Outros diziam: nos mineiros ninguém mexe. Os "mineiros" éramos nós.



Mapa extraído da revista "A Guerrilha do Araguaia", Edit. Alfa Ômega

Soubemos que o Pedro Mineiro, capanga de um tal Olinto de Capingó, tinha ocupado um pedaço de terra nosso, à beira do rio Araguaia. Osvaldão foi lá e expulsou o jagunço da nossa área. Todos os moradores da região vibraram com a atitude dele e seu prestígio cresceu mais ainda.

No início desse ano, observei que o Tio Cid escrevia mais do que o habitual. Estava trabalhando no livro "50 anos de luta", uma avaliação crítica da atuação do partido em seus cinquenta anos de existência.

Com a presença de grileiros em nossa região, a comissão militar ordenou maior vigilância. Estabelecemos um sistema de guarda noturna em cada casa e nos trabalhos na roça durante o dia. Sentíamos que o clima poderia esquentar.

No dia 13 de abril, à noite, veio ao castanhal um camarada nos avisar de que um estafeta nosso da região de Apinagés chegara com a notícia de que o Exército tinha invadido aquela área. Tínhamos que avisar o pessoal da região de Caiano e a decisão era uma só: resistir. O Geraldo, que já conhecia o local, foi o encarregado de ir avisar o nosso pessoal localizado em Conceição do Araguaia.

Começamos a arrumar as nossas coisas e a levá-las para o mato. Eliminamos o cachorro, matamos e depenamos as galinhas, preparamos as carnes. Pedimos a dois amigos que cuidassem da nossa mula e da roça. Levamos também o arroz do nosso paiol. Eram os preparativos para a resistência necessária.

Na Guerrilha

As quatro casas foram evacuadas às pressas. Partimos em marcha para a floresta, cuidando para não deixar rastros e levando conosco mochilas, armas, panelas, rádio, mantimentos, livros, remédios. Tudo isso seria muito útil. Deixamos o milho e o arroz armazenados. Alguns dos nosso pertences foram escondidos nos pearei mais próximos (locais clandestinos de armazenamento).

Acampamos na cabeceira de uma grota, não muito distante da nossa casa principal. Comemos nossas galinhas e fomos dormir, protegidos por um forte esquema de segurança. Começava uma nova vida para todos nós. A vida de guerrilheiros.

Nossas armas compunham-se de um mosquetão; cinco rifles 44; seis espingardas 20; uma 20 de dois canos; uma 16; duas carabinas 22; uma metralhadora de balas 38 (fabricada por nós); dezessete revólveres Taurus 38 (cano médio); uma bereta e uma submetralhadora Royal. Todos tinham facão e alguns tinham faca. Nossas mochilas continham uma muda de roupa forte e nova; uma rede nova; um plástico para proteger-nos da chuva; farinha; sal; solado de bota; isqueiro; munição para arma longa e curta; pilhas e remédio para malária. A tiracolo levávamos um bornal contendo mais munição, fósforos, lanterna, prato, colher, cordas de naylon e alguns outros objetos de uso pessoal.

Mais de uma semana depois da nossa retirada para a mata, chegou uma tropa do Exército à nossa morada principal. Observamos a sua aproximação. Eram cerca de 30 soldados. Queimaram as duas casas, os paióis de arroz e milho e cortaram todas as nossas fruteiras. Tudo isso aos tiros de fuzis Fal em direção à mata, ouvidos de muito longe. Mas não chegaram a penetrar na floresta. Como Geraldo não voltara ainda da missão de avisar os camaradas do Caiano, Osvaldão destacou-me para ir esperá-lo num ponto combinado. Era um barraco velho, caindo aos pedaços, no meio da mata. Fiquei dias esperando por ele, tendo que enfrentar a fome e o perigo de serpentes venenosas. Uma noite matei uma jararacuçu, muito venenosa, antes de dormir. Após uma semana de espera e vigilância, apareceu Flávio. Dois dias antes, um helicóptero grande sobrevoara a área onde me encontrava. Dormimos ainda uma noite naquele barraco e partimos ao amanhecer. Depois de uma boa caminhada pela mata, orientado pelo Flávio, chegamos ao novo acampamento. Fiz um relato dos dias passados à espera do Geraldo e alguns acharam que eu devia ter esperado mais. Porém, logo vimos que teria sido incorreto.

Quando Geraldo chegou ao Caiano, não havia mais ninguém. Os camaradas tinham sido atacados no dia 14 de abril. Desobedecendo as ordens de voltar para o acampamento pelo meio da mata, Geraldo resolveu voltar pela estrada e foi reconhecido por bate-paus e preso. Muitos lavradores, amigos nossos, tinham sido presos também por tentarem nos defender das acusações de "terroristas" e "gente ruim". Até padres e freiras tinham sido presos e maltratados.

No acampamento, no dia seguinte, tive uma surpresa. Maria Dina, Sueli, Tuca, Valquíria e Lia cercaram-me, cantando parabéns, me abraçando e beijando. Eu nem estava sabendo que era 30 de abril, dia do meu aniversário. Completava 22 anos. Não sei como elas descobriram.

Nessa noite, Simão e Osvaldão atravessavam uma picada quando ouviram uma voz: "Alto lá!". Estavam frente a frente com os soldados. Osvaldão, mais rápido, deu dois tiros de 44, por cima dos ombros de Simão. Matou o sargento que dava as ordens e feriu um soldado.

Um conhecido contou depois que os soldados, ao ouvirem os tiros da arma do Osvaldão, fugiram, deixando inclusive bagagens para trás. Nós não paramos para conferir. Mais tarde, preso em Brasília, os meus interrogadores não admitiam este fato, e insistiam que tinham sido vítimas de uma emboscada.

Os nossos dirigentes resolveram que iríamos para uma área de refúgio mais distante, dentro da selva. Nesse acampamento, mais organizado, testamos nossos conhecimentos de domínio da mata. Tínhamos todo o cuidado com a fumaça e o fogo, para não serem vistos por aviões e helicópteros. A ordem era evitar o contato com o inimigo. Nesse local, passamos uns dois meses. Tivemos problemas com a alimentação. Primeiro, porque era gente demais para se alimentar, durante longo período e seguindo regras de segurança. Segundo, porque nem todos eram bons de caça, de sobrevivência no mato e de orientação. Eu mesmo era péssimo em orientação. Certa vez quase me perdi, mas matei um veado. Quando consegui voltar para o acampamento os companheiros já estavam preocupados. Mas ficaram alegres com a caça, pois estávamos quase sem comida.

Nesses dois meses embrenhados na selva, tivemos também problemas de saúde sérios em alguns camaradas, principalmente diarréia e malária. Eu cheguei a ficar com 41 graus de febre e delirava. Para o problema da diarréia, era preciso cuidar mais da higiene das nossas vasilhas.

Eu procurava sempre ajudar quem estava na cozinha, carregando água, que nós tínhamos que buscar num local afastado. A nossa moral, apesar das dificuldades, era muito elevada.

A comissão militar concluiu que estávamos perdendo tempo e tínhamos que retomar rapidamente as visitas à massa e utilizar essas visitas para fazer propaganda da luta armada. No começo eu não fui escalado para ir nessas idas aos moradores da região e isto me deixou impaciente. Eu queria agir de alguma forma. Osvaldão me explicou que era necessário muito cuidado naquele momento e eu tinha que reconhecer a minha dificuldade de orientação. Fiquei mais confortado.

Enquanto alguns camaradas conversavam com a população, explicando os motivos da nossa luta, a comissão militar ordenou que reatássemos o contato com o destacamento C. Foram enviados para essa tarefa os camaradas Juca, Flávio, Gil, Aparício e Ferreira. Quando chegaram na grota Vermelha, pertinho de uma estrada, sofreram uma emboscada do Exército, já dentro da área do destacamento C. Apenas o Juca foi baleado e todos conseguiram fugir.

Juca, mesmo ferido, ainda conseguiu deixar um recado para Paulo, do destacamento C, através de uma pessoa amiga.

As informações que recebíamos do povo era de que as tropas do Exército estavam acampadas nas cidades mais próximas: Marabá, Xambioá, São João e Araguatins. Mas também ocupavam vilas e castanhais e movimentavam-se em estradas e picadas.

De volta da missão, chegaram Juca, Ferreira, Flávio e Gil. Aparício não estava com eles, tinha se perdido. Quando tentava voltar para a nossa área procurou abrigo numa casa que estava programada para eles passarem. Mas o Exército estava lá. Aparício atirou nos soldados, porém não conseguiu recarregar a sua espingarda 20, segundo o depoimento de um sargento do serviço de informação, que reconhecia a desigualdade de condições entre nós e o Exército.

Tuca foi cuidar dos ferimentos de Juca. Eram dois balaços, um na perna e o outro na coxa. Conseguiu retirá-los e envolveu as feridas com muita gase.

Novas informações dos amigos diziam que o Exército estava se retirando da região. Era o fim da primeira campanha de cerco e aniquilamento que envolveu nesse período, quatro mil soldados. Mudamos de acampamento, pois o nosso já estava bastante pisoteado em volta e principalmente no local. Tivemos dificuldade para fazer a camuflagem. Recebemos, então, a visita de Mário (Maurício Grabois), da comissão militar, que nos alertou para a necessidade de manter muita higiene e cortou nossos cabelos. O meu estava enorme.

Animados pelo êxito da primeira campanha, começamos a pensar em sair da defensiva e realizar um ato de repercussão para a massa. Precisávamos, também, avançar na propaganda da nossa luta e melhorar o nosso armamento.

As visitas aos amigos continuavam. O grosso da nossa tropa se abastecia em nossas antigas roças e capoeiras. Resolvemos enviar de novo Juca, para entrar em contato com Paulo do destacamento C. Iriam com ele Flávio, Gil, Valquíria e Raul. Amauri e Manoel foram encarregados de observar o povoado de Santa Cruz para se informar das possibilidades de deslocar todo o destacamento para realizar uma propaganda da luta armada nesse lugarejo. Essa idéia nos alegrou, mas era tarde demais.

Estávamos acampados perto da antiga morada dos goianos. De lá colhemos inhame e alguns cachos de banana que tinham escapado da destruição dos soldados. Nessa empreitada, Simão encontrou-se com um morador da região que estava caçando e conversou com ele sem maiores preocupações. Voltou para o nosso acampamento e ficamos aguardando a chegada de Amauri e Manoel, com notícias do povoado Santa Cruz. De repente, ouvimos uns tiros e ficamos de prontidão, armas em punho. Manoel apareceu e falou que pegaram Amauri, mas não tinham visto nenhum soldado em Santa Cruz. Quando já estávamos com as nossas mochilas nas costas para partirmos dali imediatamente, surgiu Amauri dizendo que tinha escapado dos tiros, tendo um furado sua camisa. Ele contou que ao ouvir os tiros se jogou no chão e se arrastou até uma moita e viu dois soldados passarem perto dele, sem que o vissem. Os soldados tinham sido avisados pelo bate-pau que conversara com Simão, conhecido por Mãozinha-de-paca. Helicópteros surgiram, metralhando o local, enquanto a gente fugia pela mata, suspendendo de imediato a ação em Santa Cruz.

Resolvemos fazer uma avaliação dessas últimas atitudes e de nossos erros: atrasamos a ação de propaganda que teria dado um novo ânimo às massas do Gameleira; omitimos desnecessariamente o nome do bate-pau Mãozinha-de-paca do resto do destacamento, o que viria depois a causar a minha prisão; vacilamos em liquidar os agentes da repressão antes que provocassem maiores estragos.

Isso foi o começo da segunda investida inimiga. Havia agora o dobro dos efetivos anteriores, com mais helicópteros, lanchas e aviões de bombardeio, mas a mesma

tática que não surtira efeito antes. A desigualdade material entre nós e o Exército era mais do que evidente. Enquanto passávamos uns poucos comunicados aos amigos (impressos em "reco-reco") pedindo para passarem de mão em mão e conclamando a população a apoiar e a se integrar à guerrilha, o Exército soltava de avião milhares de apelos para que nos rendêssemos, dizendo que a nossa derrota seria inevitável.

Preparamos uma emboscada que envolvia todo o nosso destacamento com o objetivo de obter armas e munição, mas começou a haver uma grande movimentação de helicópteros perto do local. Osvaldão considerou que era mais prudente suspender aquela ação.

Por terra havia também muita movimentação de soldados. Resolvemos nos retirar para mais longe. Uma parte iria montar o novo acampamento e seis camaradas iriam fazer uma operação de fustigamento do inimigo em dois pontos distintos. Amauri, Simão e Ferreira foram para um lado. Lourival, Manoel e eu para outro.

Aguardávamos já há dois dias num alto, à beira de uma estrada, próximo ao povoado Duas Passagens, quando apareceram repentinamente dez soldados. No momento em que o primeiro aproximou-se do limite por nós estipulado, Manoel abriu fogo, acompanhado por nós. Caiu um soldado e nós nos retiramos imediatamente, conforme as ordens recebidas anteriormente. Cumprimos o objetivo de retardá-los.

No outro grupo, Amauri era o encarregado de dar o primeiro tiro, mas vacilou quando viu o grupo à paisana. Nenhum do seu grupo atirou. Mas se convenceram depois que eram seis soldados descaracterizados (sem farda). Depois tivemos informações de que a polícia havia atirado nesses soldados por engano e houve troca de tiros e baixas das duas partes.

Após essas ações tínhamos que ir para outra área, mas resolvemos dar uma passada pelo Castanhal do Ferreira. Percebemos de imediato a presença de soldados e pensamos em atacá-los. Ferreira e Amauri foram enviados para observar melhor e constataram que tinha soldado demais para nós, seis vezes mais do que o nosso efetivo. Eles tinham ocupado também o Castanhal da Viúva, vizinho a esse, e resolvemos ir para a Palestina, área desconhecida por mim. Enquanto nos deslocávamos, presenciamos intensos bombardeios. O barulho era estremecedor. Cheguei a ver uma metralhadora sendo disparada de cima de um helicóptero que sobrevoava as margens de um riacho. A ofensiva inimiga era agora nitidamente maior.

Abro um parêntese aqui para destacar a atuação das nossas camaradas, tanto na preparação como na fase da luta. Elas tinham cumprido muito bem a dupla tarefa de superar a formação machista que haviam recebido anteriormente e vencer os preconceitos existentes na sociedade. Não havia diferença de sexo entre a gente quando se tratava de uma tarefa. Participaram do trabalho na roça, no castanhal, na caça, na pesca e nos treinamentos militares. Fosse no carregamento de peso, numa corrida a dois, no salto, no tiro ao alvo, diversas vezes elas nos superavam. Na fase da luta armada apresentaram um desempenho extraordinário, destacando-se entre os nossos melhores combatentes. A solidariedade delas e sua capacidade de vencer as dificuldades ultrapassavam as nossas. Foram todas, sem exceção, verdadeiras revolucionárias e heroínas exemplares.

Dentro da Mata

No novo deslocamento acampamos junto a um riacho. Eu estava com uma diarréia que não passava, apesar de já ter tomado comprimido. Saí em busca de um local para evacuar. Nisso, ouvi algo se mexer e pensei ser um tatu. Mas, quando me aproximei, vi que era uma paca enorme e ela fugiu de mim. Perdida a paca, tentei me orientar e voltar, certo de estar na direção do acampamento. Depois de um tempo comecei a estranhar que estava demorando muito a encontrar meus companheiros, quando avistei um riacho. Fiquei contente, pensando tratar-se do nosso. Resolvi seguir pelas margens. Subi apressado um morro que se interpunha. Nada. Fiquei agitado e nervoso, mas continuei descendo o riacho, procurando agora alguma pegada. A noite chegou, dei uns gritos e soprei o cano da minha 16 (quem tem prática consegue um bom som). Tudo em vão. Resolvi procurar um lugar para passar a noite, intrigado com a situação e sentindo muita fome. Amanheceu o dia e ninguém apareceu. Continuei a descida pelo riacho, mas sem o menor sinal dos meus companheiros. A fome agora era enorme. No meu bornal tinha meia caixa de fósforos, uma lanterna com pilhas já enfraquecidas, material para limpeza de armas, prato, colher, três cartuchos de 16. Minhas armas eram o facão, a espingarda 16 com um balote (esfera de aço) e um revólver calibre 38 com 6 balas.

Dando uma volta em torno do local onde agora me encontrava, deparei com um bando de macacos-prego. Pensei que talvez fosse bom matar um para saciar minha fome e dar um aviso aos camaradas. Troquei o balote por um cartucho de chumbo e atirei no macaco mais próximo. A gritaria dos outros foi enorme e o que parecia ser o líder me olhava com rancor. Consegui espantá-los e fui procurar o macaco ferido. Ele punha as mãos na cabeça, parecendo um menino com medo. Tive pena, mas acabei de matá-lo com uma paulada. A minha fome era mais forte. Tratei sua carne, assei e comi a cabeça, tirando cada pedaço de osso, até chegar ao miolo.

Saciada minha fome e sem conseguir explicar o que acontecera, resolvi que o melhor a fazer seria continuar descendo o riacho, com cuidado, até encontrar alguém e procurar me localizar. Aprendi, logo nos primeiros dias, que não dá para andar demais na parte da tarde porque o tempo na mata escurece rápido e fica mais difícil encontrar um local onde passar a noite. Era época de chuvas e ouvia os estrondos das árvores caindo derrubadas pelo vento forte. As maiores caem derrubando as menores. Isso representava um grande risco. Mas logo surgiu outro problema inesperado. Como durante o dia não tinha me preocupado em buscar um abrigo seguro, dormi perto de um formigueiro. Não havia como procurar outro local naquela escuridão. Resolvi não mexer com as formigas e tive que suportá-las durante a noite inteira passeando em cima de mim, sem me ferroar.

No dia seguinte a busca dos meus companheiros continuou. Após a chuva, encontrei uma clareira e resolvi procurar jaboti. Encontrei vários deles tomando banho de sol. Peguei dois. Cheguei a gastar vários palitos de fósforos tentando acender o fogo com gravetos molhados, para cozinhá-los. Comi fartamente e guardei uns pedaços de jaboti assado para levar comigo. Fiz um abrigo respeitável e dormi a noite inteira. Uma vez,

conversando com os companheiros, comentamos que nós precisávamos homenagear o jaboti, pois sua carne, além de saborosa, era a garantia da nossa sobrevivência.

Pelas minhas contas, já estava há uma semana perdido na mata. Todo o fim do dia marcava com um corte num pedaço de pau que carregava comigo. Tinha lugares em que o riacho ficava cercado por mata fechada ou cipoal e aí eu andava dentro d'água. Mas quando o cipoal tomava também o leito do rio, ficava muito difícil. Além de ser muito cansativo, às vezes eu caía em poços profundos, molhando-me todo. Outras vezes ia de cara com tocas de morcegos e eles me sobrevoavam, batendo com as asas em mim. Além disso, onde a mata descobria o rio eu ficava mais exposto à visão dos helicópteros. E ainda corria o risco de ser agarrado por uma enorme cobra sucuri. Matei um jacu (ave grande), preparei, mas quando fui fazer o fogo para assá-lo, vi que só me restavam dois palitos de fósforos. Depois de procurar bastante, encontrei um pouco de palha seca. O ambiente estava úmido por causa das chuvas constantes. Risquei o primeiro palito, com todo o cuidado para não apagar, e a palha começou a queimar. Mas a umidade era maior que o calor daquela pequena chama da palha e venceu o fogo. Juntei mais palha, arrumei os gravetos e risquei meu último palito. Era tudo ou nada. Desta vez deu certo e fiquei tão contente que quase comi o jacu inteiro, deixando só um pedaço para o outro dia.

A noite inteira teve neblina. Levantei-me bem cedo e fui olhar ao redor. Avistei uns rastros na areia molhada das margens do riacho. Pus a minha mão para medir a proporção e concluí que eram de uma tremenda onça. Ela deve ter me observado enquanto eu dormia e me convenci que em região onde a caça é abundante a onça não ataca o homem, a não ser que esteja ferida ou com muita fome. Devido à umidade, o cabo da minha espingarda começou a enferrujar. Passei a limpar mais constantemente as minhas armas. Não podia mais caçar porque não tinha mais fósforos e obter fogo por atrito naquela umidade não ia ser fácil, pois além disso eu não tinha nenhuma prática naquilo. Comecei a atravessar um carrasco (mata muito fechada), difícil de vencer. Consegui alcançar um pequeno descampado, deitei e dormi um pouco. Acordei com uma lingua enorme tremendo junto ao meu rosto. Dei um pulo assustado e a cobra fugiu. Não reconheci o tipo, talvez nem fosse venenosa. Encontrei um pé de cupuaçu. É uma fruta deliciosíssima. Colhi uma e comi. Avistei uma mata avarandada e subi num morro para dar uma olhada. Era uma visão linda da floresta, que se estendia a perder de vista, em altos e baixos. Pena eu não estar àquela hora em condições de admirar mais aquele cenário espetacular.

Nunca tinha visto, nem no cinema, um bosque tão bonito!

Encontrei uns pés de cacau e comi algumas frutas. Quando estava no Gameleira, ajudei a assar seus caroços para tirar deles o chocolate puro. Amarga como fel, mas no leite de castanha-do-pará e com muito açucar é uma delícia. Comecei a sentir uma moleza muito grande em todo o corpo e, antes do anoitecer, comecei a sentir febre. Era um novo acesso de malária. Passei mal a noite e pela manhã não tinha coragem de prosseguir. Dei umas voltas em torno, procurando o que comer. Agora, mais do que nunca, precisava me alimentar. Para minha sorte, encontrei ovos de azulão e bebi. Fiz um esforço para vencer a moleza e fui em frente. Cheguei a uma plantação de açaí e fiz um suco bem forte da fruta e tomei com uns pedaços de palmito que cortei a facão. Um alimento e tanto. Estava me sentindo melhor, quando recomeçou o forte temporal. Não deu tempo para eu me abrigar e fiquei todo ensopado, sem poder me deitar por causa do frio. O cansaço era grande, mas o frio era maior. De repente, acordei assustado com meu corpo caindo no chão. Tinha adormecido em pé. Levantei de novo mas, perto do dia nascer, outro tombo. Foi a pior noite até aquele momento.

Amanheci com o corpo arroxeado de tanto frio. Tirei a roupa para ver se melhorava e comecei a andar nu até achar uma clareira e estender a roupa molhada para secar. Coloquei para secar também o balote e as seis balas do meu 38 e fui limpar minhas armas. Comi muitas frutas silvestres, que não conhecia, apenas observando se os animais da floresta as comiam. Algumas eram gostosas, outras de sabor horrível. Mas agora sentia fome de carne, pois há dias só comia frutas. Peguei um jaboti, quebrei seu casco duro com o facão e tentei comer sua carne crua, mas além de dura me parecia repugnante. Minha sorte é que o fígado é enorme e comi-o inteiro.

Continuei a busca. Um pouco mais adiante dei de cara com uma anta. O maior animal selvagem brasileiro bem ali na minha frente. Permaneceu por um instante imóvel, olhando-me, e disparou numa corrida, fugindo.

Avistei cortes de facão nas árvores e resolvi segui-los. Mas logo desisti, pois se tornavam cada vez mais distantes um do outro. O rio ia ficando caudaloso, na medida em que recebia mais água de outras grotas. Foi observando a formação em meandros de uma dessas grotas que me veio, pela primeira vez, a idéia de como tinha me perdido. Eu devia ter atravessado, sem perceber, um divisor de aguas entre duas grotas com características idênticas.

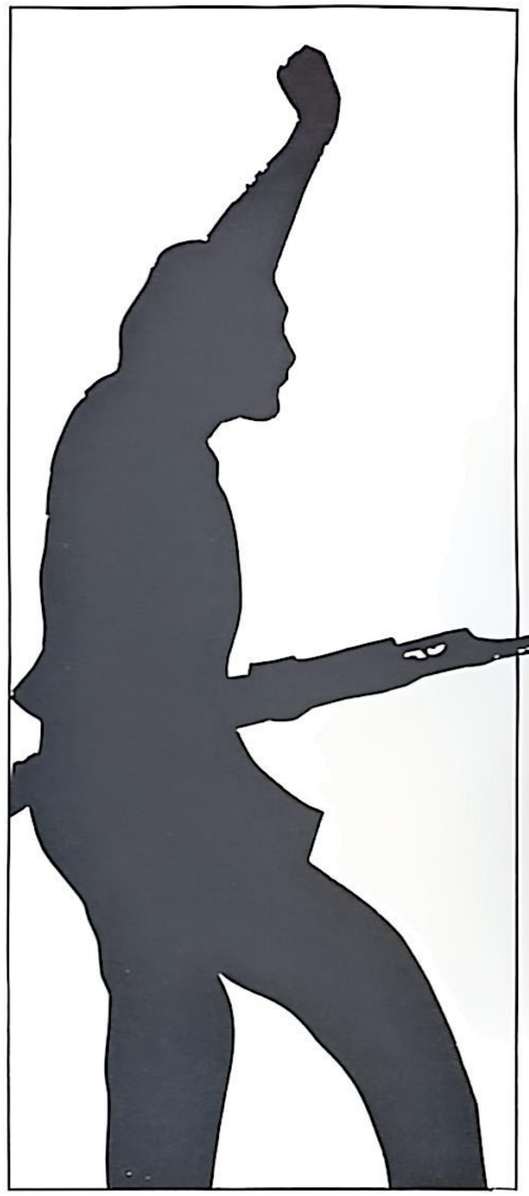
A malária voltou a me castigar e a solidão começava a se tornar insuportável. Acordei uma noite ouvindo alguém me chamar. Ouvia conversas e até gargalhadas, tudo como se estivesse próximo de mim. Fiquei parado ouvindo aquilo, mas sem coragem de me aproximar. Logo eu que estava tão ansioso para ver gente? De um salto fiquei em pé e, num instante, tudo silenciou. Nenhuma voz, nenhum mexido. A floresta voltou ao seu normal. Teria sido uma miragem? De manhã, pesquisando a área em volta, concluí que sim.

Acordei outra noite ouvindo umas pisadas perto de mim e vi uns olhos brilhando. Atirei com o 38 e o bicho correu, quebrando alguns galhos. Ao amanhecer, ouvi um galo cantar. Era distante, mas desta vez não parecia ser ilusão. Apaguei os rastros deixados no meu abrigo e andei na direção do som. Da beira do rio deu pra ver um descampado mais à frente e, ao me aproximar mais, percebi que se tratava de uma grande roça. Aproximei-me com cuidado e avistei também uma estrada, uma pequena ponte de madeira sobre um riacho que desaguava no rio já bem largo neste ponto. Apareceu um homem com uma vasilha, andando em direção à ponte e ficou de cócoras lavando alguma coisa nas águas do riacho. Eu precisava me decidir rápido: ou pegar a estrada que não sabia nem de onde vinha nem para onde ia ou abordar o homem, como quem vinha de viagem.

Resolvi pela segunda opção e atravessei a ponte, sendo logo visto por ele. Cumprimentei-o e perguntei-lhe em que

lugar estávamos, se havia alguma movimentação de soldados do Exército na área. Ele respondeu que o lugar era Saranzal e que os soldados tinham ido embora, mas a coisa tinha "ficado preta" por aquelas bandas. Foi a vez dele fazer as perguntas. Abri o jogo e contei que já estava há quase um mês perdido na mata, longe dos meus camaradas. Ele fez uma observação sobre o meu aspecto físico muito "abatido" e me informou que o Osvaldão tinha aparecido há poucos dias para comprar farinha perto dali. Fiquei contente com a notícia. O homem me levou para sua casa e me apresentou a seus familiares dizendo que eu estava "estrupiado". Almocei com essa família e matei minha saudade de comida de panela. Armaram uma rede para mim. A moleza que sentia era enorme e, quando comecei a relaxar, minha febre voltou. Arranjaram comprimido para a malária. Mesmo deitado, mantive meu revólver na cintura e a espingarda ao alcance da mão. Meio desconfiado, não queria dormir. Precisava esperar por uma mulher que tinha informações sobre meus camaradas. Ela chegou no fim da tarde e me informou que o local onde Osvaldão tinha ido comprar farinha era um pouco longe dali e difícil de encontrar à noite. A família que me abrigou aconselhou-me a não ir dormir no mato e ficar na casa, que havia mais segurança. Mesmo correndo risco, decidi confiar e esperei amanhecer o dia para ir em busca dos meus amigos. A essas alturas, já haviam chegado da roça mais lavradores e todos foram me ver. Houve uma verdadeira reunião. Eram quinze pessoas me ouvindo falar dos motivos da nossa luta e porque eles deviam nos apoiar. Todos me ouviam muito calados e suas presenças me inspiraram muita confiança. Eu falava muito animado e convencido de que estava conseguindo o apoio desses trabalhadores. Dormi confiante.

No dia seguinte, mais disposto, tomei consciência da minha indisciplina. Teria que evitar me expor tanto dali para a frente. Segui as orientações que a mulher me deu sobre o local onde esteve Osvaldão e saí com o bornal carregado de presentes: farinha, carne de paca e dois cartuchos de 16. Despedi-me de todos com mil agradecimentos



e continuei meu caminho.

Andava apressado, só parando para comer e beber água. Antes do anoitecer, cheguei à casa de farinha. Os donos me receberam bem, embora meio desconfiados. Confirmaram a presença de Osvaldão lá há duas semanas e informaram que o camarada tinha estado em outras casas, mais recentemente. Convidaram-me para pousar lá essa noite, mas agradeci e expliquei que não podia correr riscos. Ganhei mais farinha e um pouco de

querosene e saí em busca de um lugar no mato para dormir. Sem coragem de arrumar um abrigo melhor, estirei-me no chão e dormi lá mesmo. De manhã, continuei minha busca, dando de encontro com um bando de macacos guariba (um tipo de macaco grande, preto, o maior das nossas matas). Atirei em um e subi na árvore para buscá-lo, pois ele prendeu sua cauda em um galho antes de morrer. Continuei andando e minha bota arrebentou de vez. Recomecei a andar, agora descalço, expondo meus pés aos espinhos de tucum. Cheguei a uma nova casa de camponeses e lá me informaram que o Osvaldão e mais três camaradas haviam passado por lá na noite anterior. Pela descrição reconheci Sueli e Simão. Fiquei muito ansioso e acelerei mais ainda a marcha. Quatro dias depois ainda estava à procura deles, alimentando-me de coco babaçu, de palmito e de umas pequenas lagartas brancas que se desenvolvem dentro da casca dura do babaçu. Cruzei com uns caçadores que estavam atrás de uma onça pintada e pedi informações sobre o local onde me encontrava e recomecei a busca. Dois dias se passaram e já começava a perder as esperanças de encontrar meus camaradas. Estava chegando à exaustão física e precisava parar um pouco.

Encontrei uma nova casa e me aproximei. A receptividade dos moradores comigo foi muito boa. O dono da casa, depois de conversarmos um tempo disse que os soldados tinham passado por lá e invadiram sua casa, abrindo as portas a pontapés e apontando as armas contra a sua família. Me ofereceram comida e pousada. Só aceitei a comida e de novo expliquei que não podia me expor. Eles pediram que então eu ficasse escondido na mata por perto, que eles levariam comida e me avisariam sobre alguma novidade. Além disso, eles observaram que eu precisava descansar e me recuperar.

Dois dias depois, me despedi daquela solidária família. Até as crianças vieram se despedir de mim.

Outra casa, outra família. Parei novamente e eles me contaram a história que eu já ouvira outras vezes. O Exército passara ali. Os soldados ocuparam sua roça, sua casa e ameaçavam os moradores. O sargento que comandava o grupo parecia ser muito odiado pelos próprios soldados. Alguns moradores tinham ouvido os soldados dizerem que se o Osvaldão aparecesse eles entregariam as armas e se renderiam. Um soldado foi castigado pelo sargento sendo obrigado a cavar um buraco enorme, sob o sol do meio-dia, por ter saído para caçar sem avisar. Os soldados diziam que não aguentavam mais comida de latinha e ficavam implorando alimento cosido em panela. Um soldado-enfermeiro reclamava por não saber que tinha ido para uma guerrilha de verdade e chorava olhando a foto da esposa e dos filhos.

Mais à frente, avistei um grupo de pessoas quebrando coco babaçú. Com exceção de um velho, era um grupo de mulheres. Quando tentei me aproximar, elas saíram correndo em disparada. Gritei desesperado que não fazia mal a ninguém e que queria conversar e corri atrás delas apelando para me ouvirem. Finalmente pararam, mesmo desconfiadas. Uma delas, muito nervosa, falou que "o povo da mata" (nós, os guerrilheiros) estava matando quem fosse quebrar coco na selva. Tentei mostrar que aquilo era um absurdo, coisa inventada pelo Exército e que a gente lutava só contra quem explorava o povo pobre como elas e que defendíamos a liberdade de todas as quebradeiras de coco colherem babaçu em qualquer local e venderem o litro de óleo ou de castanha por um preço justo. Elas se convenceram. Pedi desculpas por tê-las assustado, apertei a mão de cada uma e fui embora.

Encontrei, no caminho, com o Osmar. Era um mateiro admirado por Osvaldão por causa do seu domínio sobre a mata. Osmar me disse que estava muito preocupado porque o Exército lhe obrigava a guiar os soldados pela floresta e tinha medo de acabar morrendo. Disse ainda que era obrigado a vestir a farda do Exército, andando sempre na frente da tropa que, a qualquer barulho de bicho se mexendo no mato, atirava desvairadamente. Pediu-me para avisar ao Osvaldão que estava sendo forçado a isto mas que só dava umas voltinhas por perto e os soldados já ficavam satisfeitos.

Ganhei do Osmar um pedaço de carne de onça e parti, sem falar qual era o meu destino. Depois ficamos sabendo que ele foi cooptado de fato pelo Exército e o nosso destacamento acabou justiçando-o.

Encontrei um bananal abandonado e uns mamoeiros. Apareceram dois homens e me disseram que eu podia colher banana à vontade. Ganhei deles uns mamões maduros, que o povo daquela região considera comida de animal. Segui em frente. Encontrei outra casa e outra família. Eles queriam tirar uma dúvida comigo. Não seria eu a pessoa que um dia acompanhara Osvaldão até uma pedra no alto do morro, onde ele tinha escrito "todas as leis do mundo"? Uma mulher garantiu que tinha presenciado a cena e que estava me reconhecendo. Diante da sua insistência e convicção, acabei admitindo. O povo da mata construía muitas lendas a nosso respeito e espalhava-se o boato de que Osvaldão tinha o "corpo fechado" (não entrava bala). Um camponês me contou que o Exército tinha matado dois quebradores de coco na Palestina, pensando que fossem guerrilheiros. Usaram, para isso, uma bomba que tudo indicava ser Napalm, bomba que foi muito utilizada na luta contra os guerrilheiros do Araguaia.

Cheguei a uma fazenda onde vários trabalhadores cortavam madeira usando moto-serra. O dono da fazenda perguntou o que eu desejava. Contei quem era e o que procurava e ele me convidou para entrar na casa. Começou a me aconselhar, dizendo que nós éramos muito jovens, que estávamos nos prejudicando com aquela luta, que aquilo não daria em nada, que nós já tínhamos dado muito prejuízo ao Exército, etc, etc. Acabei jantando na fazenda e conversamos mais. O homem me fez uma proposta: vestir roupas novas e ir com ele para o Maranhão, como se fosse gente sua e ele prometia pagar a minha passagem de volta para o Ceará. E acrescentou que com isto estava querendo me ajudar e "dar um presente" para a minha família. Agradeci sua "boa vontade", mas disse que não abandonava a luta. Quando já tinha me afastado do local, um homem veio correndo atrás de mim, trazendo umas sandálias japonesas enviadas pelo patrão. Aceitei e agradeci.

Cheguei, finalmente, ao castanhal do Ferreira. Estava irreconhecível: muita sujeira de enlatados, sucatas de tratores, mato pisoteado. Andando pela beira de uma estrada, cheguei numa roça. O dono, muito conversador, após a minha identificação não cabia em si de alegre, dizendo-se muito amigo do Osvaldão. Mandou a mulher colocar mais carne de veado no fogo. Viu que eu estava com malária e se ofereceu para ir comigo a Santa Cruz tomar uma injeção que era "tiro e queda". Disse que o Exército tinha ido embora, que não havia perigo. Não aceitei e disse que precisava encontrar meu pessoal. Descobri depois que esse homem, Alfredo Fogoió, era bate-pau e ganhara aquelas terras do Exército.

Eu já estava muito próximo do Gameleira. Sentia-me em casa, pois reconhecia até as picadas. Estava bastante abatido e, além da malária, tinham me aparecido umas feridas provocadas por bernes (um tipo de larva que penetra na pele). Consegui tirar o berne da perna, mas não os dois do braço que me incomodavam muito.

Continuei andando, agora em meu território, quando encontrei o filho de um antigo vizinho, seu Bernardino. Ao me ver, ele fugiu apavorado. Chamei-o inutilmente e resolvi ir para a casa dos pais dele. Toda a vizinhança se aproximou, inclusive o rapaz, ainda meio amedrontado. Expliquei que eles não tinham motivos para me temerem e que eu continuava o mesmo amigo de sempre. Todos se acalmaram e alguém me ofereceu café de milho torrado com beijú. Ninguém tinha notícias dos guerrilheiros e disseram que muitas pessoas amigas tinham sido presas, que muitas famílias se mudaram da área e que o Exército estava oferecendo muitas vantagens a quem ajudasse a nos caçar.

Na travessia do rio Gameleira, surgiram muitas lembranças. Ali aprendi a superar a correnteza forte sem ir de encontro às pedras; a orientar corretamente a passagem dos animais sem molhar a carga e até a pegar "carona" nas toras de madeira que desciam o rio até a nossa casa ou a dos goianos.

A Traição

Na antiga morada, só encontrei cinzas. Para mim aquela casa tinha sido uma verdadeira universidade de vida, da transformação de homens em pessoas especiais e capazes de vencer as maiores dificuldades. Neste local eu acredito que aprendi tudo o que de fato tem valor na minha existência.

Seguindo as picadas de emergência, comecei a procurar os pontos de apoio e os depósitos clandestinos que conhecia. Ainda colhi uns inhames que havia plantado no começo da nova vida. Nossa roça grande estava abandonada. Na casa dos goianos, colhi umas bananas. Não encontrava, no entanto, nenhum vestígio dos camaradas. Contribuindo para o meu desânimo, reapareceu a febre e eu me deitei intranquilo, perguntando-me pela milésima vez: onde estarão meus camaradas?

Seu Hermógenes também não sabia de nada. Disse que o Exército tinha cuidado dos dentes de seu filho e da saúde de muitas pessoas da região. Fazia parte da operação ACISO, desenvolvida na segunda campanha, paralelamente às prisões e torturas de muitos moradores. Por fim, me mostrou uma carta assinada por Geraldo* que estava endereçada a mim, onde ele pedia que eu me entregasse, pois "estava sendo bem tratado".

Fui procurar o seu Eufrásio, que era um pequeno comerciante de quem comprávamos mantimentos. Entrei pelos fundos da casa, às escondidas, com a esperança de encontrar remédio para a malária. Mas acabei sendo visto por um desconhecido e, para não comprometer o dono da venda, entrei normalmente, como se fosse um comprador comum. Seu Eufrásio me encarou espantado e respondeu que não tinha comprimido. Outras pessoas apareceram e me olhavam admiradas, comentando o meu estado físico e comparando com quando me conheceram. Comecei a falar sobre nossa luta, quando reaparece Alfredo Fogoió, o bate-pau, que renovou o convite para eu ir com ele me tratar em Santa Cruz. Todos aprovaram a sugestão. A mulher do seu Eufrásio me trouxe café com bolachas, muito nervosa. O marido se ofereceu para ir junto também a Santa Cruz, dizendo que eu iria no cavalo do Alfredo. Na porta do estabelecimento, estava pregada a carta do Geraldo. Os presentes contaram que ele esteve no local, com os soldados. Acabei aceitando o convite de ir a Santa Cruz, curar a minha malária, e montei no cavalo com muita dificuldade, sentindo a vista escurecer.

Partimos em marcha lenta, com as armas em punho. Me dei conta do risco que corria e comecei a pensar: caso os soldados aparecessem, como iria me defender?

Nota:
** Geraldo era o codinome usado por José Genoíno, que participou da fase de preparação da guerrilha, mas foi preso logo na chegada do Exército, no início de abril.*

Após quilômetros de caminhada, avistei as primeiras casas do povoado. Fiquei atento e perguntei se não seria melhor irmos pelo mato e observar melhor o ambiente. Alfredo respondeu que tinha estado lá antes e que não vira nenhum soldado. Seu Eufrásio completou dizendo que "a casa" era ali perto. Continuei seguindo, embora sem estar convencido. Só por gentileza aos dois. Aproximou-se de nós um sujeito montado também, muito bem vestido, com pose de mocinho de filme de bang-bang. Perguntei a Alfredo quem era e ele respondeu que o sujeito "não mexia com ninguém". Só depois vim a saber de quem se tratava: era Pedro Mineiro, o pistoleiro expulso por Osvaldão.

Chegamos num pequeno comércio. Desci do cavalo, sentindo as pernas trôpegas e muita tontura. Alguns homens tomavam pinga. Seu Eufrásio, então, disse que já iria voltar para casa, que estava escurecendo, etc. Ainda cochichei ao seu ouvido um recado para meus companheiros: se por acaso eu não voltasse, que ele lhes dissesse que eu jamais me entregaria. Ele foi embora, me olhando sem dizer nada. Alfredo tinha ido aos fundos da casa conversar com o dono, enquanto uma mulher atendia a freguesia. Um bêbado começou a me desafiar e eu falei que não queria conversa.

Fizeram uma mistura de uma injeção para malária com outra para o fígado. Por falta de álcool, desinfetaram a agulha com cachaça e aplicaram-me o coquetel, enquanto falavam: "Pronto. Isso levanta até defunto!" Agradeci a todos e comecei a me despedir, quando a mulher me trouxe uma papa que acabara de fazer. O Mãozinha-de-paca, já presente, falou gentilmente que eu esperasse esfriar, deitado confortavelmente numa rede. O dono indicou uma sala da casa, onde estava estendida uma rede branca, bem limpa. Respondi que não precisava, pois eu tinha que partir e além disso estava muito sujo. Ia manchar a rede. Insistiram e acabei cedendo. Surgiram curiosos e eu, escorado com os pés no chão, bastante debilitado, disse que o Exército jamais iria destruir a nossa luta. Comi a papa. Os donos da casa enxotaram os curiosos pedindo para me deixarem em paz. Quando acabei de comer, sugeriram que dormisse um pouco,e eles me acordariam depois. Era um lugar muito silencioso e adormeci agarrado às minhas armas.

Tinha caído numa armadilha bem montada, a única capaz de me pegar vivo e explorar os meus pontos fracos. Até hoje me pesa na consciência ter quebrado a nossa disciplina e caído nas mãos do Exército.

A Prisão

Acordei abismado ao ver um homem de rosto inexpressivo, com uma mão mutilada, apontando a minha própria 16 contra a minha cabeça. Levantei-me rápido, puxando o meu 38 contra Mãozinha-de-paca. Alfredo se apresentou em cena, mostrando as minhas cinco balas e dizendo que não adiantava tentar resistir. Mãozinha-de-paca fez um ar de riso, apontando a 16 engatilhada. Até meu facão tinham retirado. Pedro Mineiro, encostado na porta, cartucheira na cintura, chapéu de feltro caído sobre um dos olhos, apenas observava. O dono da casa entrou de repente dizendo que o barqueiro "topa ir" conosco. Alfredo respondeu que seria melhor não esperar mais pela polícia e todos concordaram. Voltou-se para mim, aconselhou-me a me comportar bem, que eles intercederiam para eu ter um bom tratamento. Saí daquela casa repugnante com Mãozinha-de-paca ameaçando disparar o meu próprio balote. Seu Eufrásio aproximou-se e pediu para ir junto. Eles aceitaram. Notei que várias pessoas observavam a cena. Vi o barco e o barqueiro nos esperando. Por um instante veio-me a idéia de sair correndo pelo descampado, mas desisti. Não alcançaria dez metros de distância. O Alfredo era um ruivo alto e forte, logo me pegaria. Isso se não me matassem antes. O Mãozinha-de-paca gritou para algumas pessoas que nos observavam que se o Osvaldão aparecesse "digam que levaremos ele depois". Eu espumava de ódio daquele bate-pau.

No barco, me "acompanhando" estavam Alfredo, seu Eufrásio, Mãozinha-de-paca, Pedro Mineiro e o dono do comércio. Estávamos já no meio do rio Araguaia, quando Pedro Mineiro avisou que vinha vindo um barco a motor. Mãozinha-de-paca respondeu que deveria ser a polícia. Quando o barco se aproximou, vi que estava cheio desoldados. Mandaram que o barqueiro remasse para a margem, para fazerem a minha transferência. Mãozinha e Fogoió os convenceram de que seria perda de tempo, que continuássemos a viajem com eles até o quartel na margem direita do rio, na cidade de Xambioá.

Quando desembarcamos, os soldados me agarraram, me levaram para um descampado, empurrando a socos e pontapés. Enfiaram minha cabeça numa poça de lama, tentando me afogar, e arrancaram o resto dos trapos que eu vestia. Cinquenta soldados me rodeavam, me achincalhavam, batiam e riam. À minha frente surgiu o major, que já se encontrava à minha espera. Com cara de estúpido gritou que eu tinha que falar.

Novo massacre. Me sentia com se estivesse no mundo da lua, estirado no chão. Ouvi o major ordenar que me levassem ao banheiro. Me jogaram embaixo da torneira, que me deu novo ânimo. Devolveram-me, ainda nu, para a frente do major que pediu para me arranjarem umas roupas. Trouxeram uma bermuda folgada, com um cordão para prendê-la ao meu corpo. Apareceu um sargento, furioso, dizendo que nós tínhamos matado um parente seu e que deviam me matar também. Perguntou-me:

- De que Estado você é?

- Nasci no Rio Grande do Norte, respondi.

- Quer dizer que no meu Estado também tem comunista?! fala admirado.

Perguntei-lhe se ouviu falar na revolução de 35. Ele ficou bravo e aplicou-me um telefone (batida forte simultânea nos ouvidos, com as duas mãos espalmadas). O major saiu e levaram-me para dentro do quartel. Ainda pude observar, em uma das dependências, fotografias com nomes de presos e mortos.

Fui levado para uma sala que tinha uma parede pintada de preto. O major colocou seu chapéu, para mostrar poder. Vi logo que ele tinha mais preparo para interrogar gente do povo. Diz-me que é "melhor falar logo, pois você está vendo que aqui não é brincadeira". Respondi que atuava em São Geraldo e repeti os nomes que lera nos cartazes do próprio quartel. Senti que ele ficou satisfeito, embora procurasse não demonstrar isso. Surgiram três homens do serviço de informação dizendo que iam me levar. Avistei seu Eufrásio atrás de uma muralha, que ao me ver baixou os olhos.

Mãozinha-de-paca falou para um oficial que precisava ser protegido, ou nós o mataríamos. O major entregou o meu depoimento ao agente que veio me buscar. Na saída, esse mesmo oficial rasgou o papel, dizendo: "Esse besta não sabe de nada". Senti que a prova mais difícil ainda estava por vir.

Durante o meu deslocamento, de carro, o capitão tentou conversar amistosamente comigo. Falou da morte de Aparício que ele tinha participado, da inutilidade da nossa luta e que o melhor para mim seria colaborar. Respondi que "não sou traidor" e que não acreditava que eles nos venceriam. O capitão fez cara feia. Depois perguntou-me como era a nossa vida sexual. Eu garanti que nós todos, os guerrilheiros, respeitávamos as mulheres da região.

Ele respondeu:

-'Tás brincando!...

Os outros riram. Diversas outras vezes fui interrogado sobre o assunto e eles não acreditavam no que eu falava.

Levaram-me para um quartel de Araguaina jogaram-me numa solitária. Apareceu um provocador, chamando-me de terrorista e, sacando sua arma, disse que ia me "apagar". Respondi em cima da bucha:

- Atire, se for homem, cabra safado! Aqui eu não tenho onde me esconder!

Ele baixou a arma e saiu dizendo que eu ia "pagar" por isso.

Não sentia o menor medo de morrer naquele momento e sabia que torturas piores estavam por vir. Levaram-me para Brasília, num avião da FAB. Fui algemado ao sair da cela e ouvi um preso aos prantos dizer que não tinha nada a ver conosco. Estava apavorado e tinha uma marca de coronhada no rosto. Continuou chorando ainda dentro do avião, até que lhe obrigaram a calar a boca. O oficial me disse que ele era nosso amigo e que tinha nos ajudado. Nunca soube como acabou.

Nós fomos colocados na parte dianteira do avião. Atrás, muitos soldados e oficiais da aeronáutica. Uma hora fui ao banheiro, acompanhado de um oficial. Todos os soldados tinham cara de espanto, ao me ver. O encarregado da tripulação, sentado numa cadeira paralela às nossas, oferecia-me comida a toda hora. A determinada altura, o avião começou a trepidar demais e o oficial que nos acompanhava, nervoso, pediu que rezássemos para o avião não cair. O meu desejo era que despencasse de uma vez. Eu estava preocupado mesmo era com o que poderia me acontecer em Brasília e qual deveria ser meu comportamento, para evitar qualquer informação.

A recepção não podia ser pior. Ao descer do avião, deitaram-me dentro de um carro e, sentados, me pisoteavam com as botas. Não consegui ver uma única cena de Brasília, a não ser no aeroporto

e na solitária do PIC (Pelotão de Investigações Criminais) da Polícia do Exército, no quartel general do Planalto. Ainda encapuzado, tiraram-me a bermuda, botaram-me com as pernas abertas e as mãos para cima, com vários soldados me rodeando, tentando me desmoralizar. Aos empurrões, jogaram-me numa cela fria, ainda nu, tiraram-me as algemas e o capuz. Jogaram-me água fria, dizendo que era para "aquele porco (eu) cuidar da higiene". Tinham que esfregar sabão em todo o meu corpo, pois os torturadores estavam com nojo de mim. Acabei dormindo depois, nu e com frio.

Vieram então os choques elétricos. Colocavam fios em várias partes do meu corpo, mas a combinação mais violenta era feita com um dos fios num ouvido e outro enrolado no meu pênis, que chegou a ficar muito ferido devido a tantos fios que foram amarrados. Os torturadores estavam sempre encapuzados. Logo nos primeiros dias, fizeram uma acareação entre eu e o Geraldo, que ainda se encontrava num coletivo de presos daquele quartel. O responsável por nós era o general Antônio Bandeira que, antes de chegar o Geraldo, falou-me que eu iria "receber uma visita" e que estava querendo bancar o herói à toa. E acrescentou que se ele tivesse cem pessoas como eu, jamais haveria revolução no Brasil.

Geraldo entrou na sala em que eu estava. Pareceu espantado com o meu estado físico e pediu ao general que me desse roupa e comida. Este respondeu que iria providenciar e iniciou a conversa que realmente estava lhe interessando:

- Genoíno (Geraldo), diga-nos com quem você conviveu no Araguaia?

Só a partir daí pude ver em que apuros eu estava metido. Genoíno, falando em nome de todos, jogava-me em contradição com os poucos nomes que eu admitia conhecer. Resolvi falar que o general tinha que admitir a condição de chefe que o Genoíno tinha no nosso grupo e com isso era natural que conhecesse mais gente do que eu, no que o Geraldo (Genoíno) concordou, como se quisesse me ajudar. O general riu e não deu a menor demonstração de ter engolido aquela. Ordenou a retirada do Geraldo, depois de dizer a este que devolvesse o livro que havia lhe emprestado e que nenhum de nós iria ser julgado pela guerrilha. Isso de fato ocorreu com vários prisioneiros dessa luta, com o

objetivo de abafar a divulgação da guerrilha. Depois que o Genoíno saiu, o general me disse que ele já havia falado tudo e repetiu que era inútil eu dar uma de herói.

As torturas foram mais intensas depois que inventei um roteiro falso da minha ida para a área da guerrilha. Eles queriam nomes e locais de parada no Piauí e no Maranhão. Resolvi manter minha história para não cair em contradição e eles acabaram aceitando. A minha preocupação era não falar nada que viesse a prejudicar, de alguma forma, a guerrilha ou facilitar o trabalho dos militares. Eles me encapuzavam até para me deslocar de uma cela para outra. E um dia me levaram para ver uma "novidade". Era um organograma com os três destacamentos da guerrilha, os grupos, os nomes e as fotos dos camaradas. Mostrei surpresa de propósito e eles queriam que eu completasse com mais informações. Respondi que eles sabiam mais do que eu. E fiquei contente por observar várias falhas naquele quadro.

Uma noite, quando me achava muito deprimido, ouvi uma música entoada por um grupo de presos e seus familiares. Me dei conta de que era natal. Um soldado trouxe-me umas guloseimas que comi no escuro da minha cela e fui dormir mais satisfeito. O tal livro que o general emprestou ao Geraldo chegou às minhas mãos. Era "A Nova Classe", de um tal Djilas, dissidente tcheco. Mostrava o fracasso do socialismo na Tchecoslováquia e na União Soviética. Aqueles argumentos eram uma prova, para mim, da traição havida nas direções dos partidos comunistas desses países. Levaram-me para uma seção de *slides* coloridos, projetados sobre fundo branco. Eram fotos de pessoas mortas, dentre as quais os camaradas Gil, Flávio, Juca e um antigo conhecido do movimento estudantil do Ceará, Bergson. Trouxeram-me papel e lápis para que eu escrevesse tudo o que lembrasse da região do Araguaia. Fui escrevendo sobre a caça, sobre a pesca e sobre a situação de vida do povo sofrido da região. Passei uma semana escrevendo, "enchendo linguiça" o quanto podia até que um dia eles vieram buscar. Horas depois voltou o capitão Madruga dizendo que o general não tinha gostado do meu romance e que eu iria "ter de falar de qualquer jeito".

Continuaram os longos interrogatórios. Se revezavam neles agentes do SNI, do Ciex, Cenimar, Cisa, Dops, Polícia Federal e "especialistas" em política do PCdoB, em guerrilha rural, em "subversão" no Ceará, etc. No início todos posavam de bem-educados, mas no fim faziam ameaças. Apresentaram-me um dia o nome frio que eu usei no partido no Ceará, detalhes de uma reunião do Comitê Regional daquele Estado, realizada em 1969, com a minha presença. Neguei tudo. Trouxeram um album com fotos de ativistas políticos do Ceará. Disse que nunca tinha visto nenhuma dessas pessoas, com exceção de uma delas que eu falei ser "parecido com meu irmão". Irritado o oficial confirmou que era ele mesmo. Respondi admirado que ele nunca tinha participado de nada. Ficaram fulos da vida e me mandaram de volta para a cela.

Fiquei muito abatido nessa noite, por ter tomado conhecimento da prisão de tantas pessoas queridas.

Mostraram-me o balote que eu tinha feito para a minha 16 e perguntaram para que era aquilo. Respondi que era para matar onça. Concluí que a bala devia ter sido entregue a eles por Mãozinha-de-paca e desejei seu justiçamento. Perguntaram o que faríamos com os soldados que prendessemos na guerrilha.

- Faríamos um julgamento e, dependendo da culpa de cada um, poderíamos até matá-los, respondi.

- Ah, então nós estamos sendo muito complacentes com você...

- Só que nós nunca torturaríamos ninguém - retruquei em cima. Esse é um método baixo e covarde!

Descobri logo que a maioria dos carcereiros eram provocadores. Resolvi não conversar com eles. O único que me tratava bem era um que era membro de uma igreja protestante. Eu tinha muita fome o tempo inteiro e ele era o único que me dava comida em quantidade suficiente para eu me sentir alimentado.

Os dois bernes ainda continuavam no meu braço esquerdo. Tinham crescido muito e estava mais difícil de retirá-los. Um oficial que foi ver certa vez o meu estado de saúde comentou que deveria ser feita uma cirurgia para extrair os dois. E ficou admirado também com o meu estado de subnutrição.

Certo dia entraram na minha cela, me algemaram, me encapuzaram e me empurraram corredor a fora, sem dizer para onde me levavam. Quando tiraram o meu capuz vi que tinha sido transferido para uma cela grande, com outros companheiros. Após a saída dos soldados, foram se apresentando a mim, um a um, desejando-me boas vindas à cela coletiva. Apelidaram-me logo de "homem de Biafra" por causa da minha extrema magreza. Esse foi um dia de felicidade para mim, depois de tanto tempo de sofrimento e solidão.

MOTO CONTINUÍSTA – 15 x 26,5 cm – 1983

José Porfírio, um dos presos políticos, foi quem me tirou os dois bernes. Ele era líder camponês, tinha sido deputado estadual em Goiás, em 1962. Depois do golpe, fugiu e foi preso em 72 no Maranhão. Para tirar os bernes, ele pegou um pedaço de fumo de corda e pôs em cima dos dois furúnculos, "para embebedar" as larvas. Depois fez uma compressão violenta de baixo para cima e os dois bichos saltaram fora. A cela inteira acompanhava a cena e todos se admiraram com o tamanho das larvas. Arranjaram mertiolate e fizeram os curativos.

Na nova cela, nós os presos, estabelecemos um sistema de organização e divisão das tarefas, que ia desde a limpeza da cela até a divisão da comida.

Conversava muito com outro líder camponês, o Geraldão. Nas conversas sobre a guerrilha do Araguaia ele detectou logo um erro primário nosso: não ter liquidado, imediatamente, todos os bate-paus da região. Isso, segundo ele, tinha sido feito em Trombas de Formoso, uma região onde houve um conflito armado, no Estado de Goiás. Conversava também com os outros presos e, com o passar do tempo, fui sabendo quem eram. Uns resistiam bravamente aos interrogatórios e incentivavam os outros a resistirem. Outros, porém, insistiam que nós deveríamos "entregar o jogo" e eles próprios falavam tudo.

Meus interrogatórios continuavam. Eles queriam detalhes sobre a guerrilha e sobre os camaradas. Eu respondia que não dominava a área e que por isso ficara perdido por quase dois meses na mata, sem notícia de ninguém. E acrescentei que eles não esperassem nenhuma atitude de traição da minha parte. Queriam me levar para o Araguaia de volta, para que eu os orientasse na caça aos guerrilheiros. Respondi que eles iam perder tempo. Ameaçaram me torturar novamente, "apesar de já estar na cela coletiva".

Me mandaram de volta para lá.

Comecei a fazer exercícios físicos diariamente, apesar de estar muito debilitado. É que eu alimentava a idéia de tentar fugir, se me levassem para o Araguaia como estavam prometendo os militares. Mas, felizmente, nunca chegaram a cumprir essa ameaça.

Para tomar banho de sol diário conosco, os soldados traziam diariamente uma mulher já em estado de gravidez avançado. Ela havia participado da primeira campanha da guerrilha e fora mandada de volta a São Paulo depois de ter engravidado e aí fora presa. Soube depois que se tratava da Criméia. Dias depois, libertaram o Zé Porfírio. Soltaram também o Danilo, que pertencia a outro Destacamento e tinha sido preso no começo da luta.

Uma noite, quando todos na nossa cela já dormiam, ouvimos um barulho enorme de gente me chamando:

- Glênio, você vai sair!

Me arrancaram da cela algemado, encapuzado e jogaram-me dentro de um carro. No deslocamento, um torturador apertou fortemente os meus testículos, com as mãos. A gozação foia geral. O carro fez muitas curvas até parar. Me puxaram para fora do carro, encostaram um cano de arma no meu ouvido e falaram: "Chegou o seu fim". Senti um certo alívio ao ouvir o disparo do gatilho. Era uma simulação. Os torturadores, então, berraram que eu tinha que falar antes de morrer. Levaram-me para um recinto fechado, cheirando a mofo, e ouvi a voz do general Antônio Bandeira ordenar:

- "Tirem-lhe a roupa e comecem".

Amarraram-me de novo os fios no corpo e soltaram as descargas elétricas. Eu rolava pelo cimento frio. Quando viram que minhas forças já chegavam ao fim, pararam e me deixaram estirado no chão. O general dirigiu-se a mim, dizendo:

- É pra você saber que não estamos brincando. Agora fale a verdade!

A tortura se prolongou até a madrugada. Os torturadores chingavam sem parar, aos berros, enlouquecidos. Os choques se repetiam numa sequência entre vários rápidos e um longo. Depois de um certo tempo eu já não tinha consciência se estava ouvindo meus gritos. Ia ficando cada vez mais cansado e indefeso. E com um ódio enorme por dentro. Resolveram me sentar, puxado pelos cabelos. Alguém falou que agora eu estava em condições de falar. Outro completou dizendo:

- "Aqui não é o Exército. É a federal!"
- Comece a falar, diz o general.
- O que? perguntei inocentemente.
- Sobre os camponeses amigos, respondeu.
- Eu não sei, foi minha resposta.
- Então fala qualquer coisa útil.

Disse apenas:

- Já falei tudo.

Levei uma pancada, como um coice de burro. Caí estatelado ao chão e o mundo sumiu por um instante. Recobrei os sentidos quando fui arrastado. E vi que estava alegre com o que parecia ser o meu fim.

Levaram-me de volta para o carro e me deixaram de volta na cela solitária. Meu corpo era uma dor só, quando o dia amanheceu. Não conseguia encontrar posição confortável para cochilar. Apareceu alguém me oferecendo café e recusei. Observaram meu estado e dessa vez não fizeram qualquer gozação. Eu estava apavorado com a minha própria aparência. Muitas noites se passariam ainda sem que eu tivesse condições de dormir. Meu peito doía e estava roxo de pancadas. E prometiam mais torturas, depois de mais de oito meses de prisão. Perdi o direito ao banho de sol. Devolveram a minha roupa, ficando claro que eu não voltaria para a cela coletiva.

Minha nova cela ficava do lado de uma sala "particular" de tortura, que "pertencia" ao maníaco sargento Vasconcelos, que morava no próprio presídio. Provocava todos os presos que passavam por lá e utilizava, na tortura, uma cobra jibóia que só não utilizou comigo porque eu tinha experiência de vida na mata. Muitas noites acordei ouvindo gritos de pessoas sendo torturadas.

Colocaram na cela ao lado uma das vítimas do sargento. Era um paranaense, recruta do Exército, acusado de roubo de arma. Conversávamos sempre que havia folga na vigilância. O soldado estava aterrorizado com os choques elétricos e eu procurava acalmá-lo. Ele se dizia também abismado com o que estava acontecendo, pois certa vez ouvira o general Antônio Bandeira dizer que não existia prática de tortura dentro do Exército. Esse general era agora diretor-geral da Polícia Federal. Meu "colega" me ofereceu cigarros que consegui pegar usando fiapos do colchão presos a um cabo de vassoura.

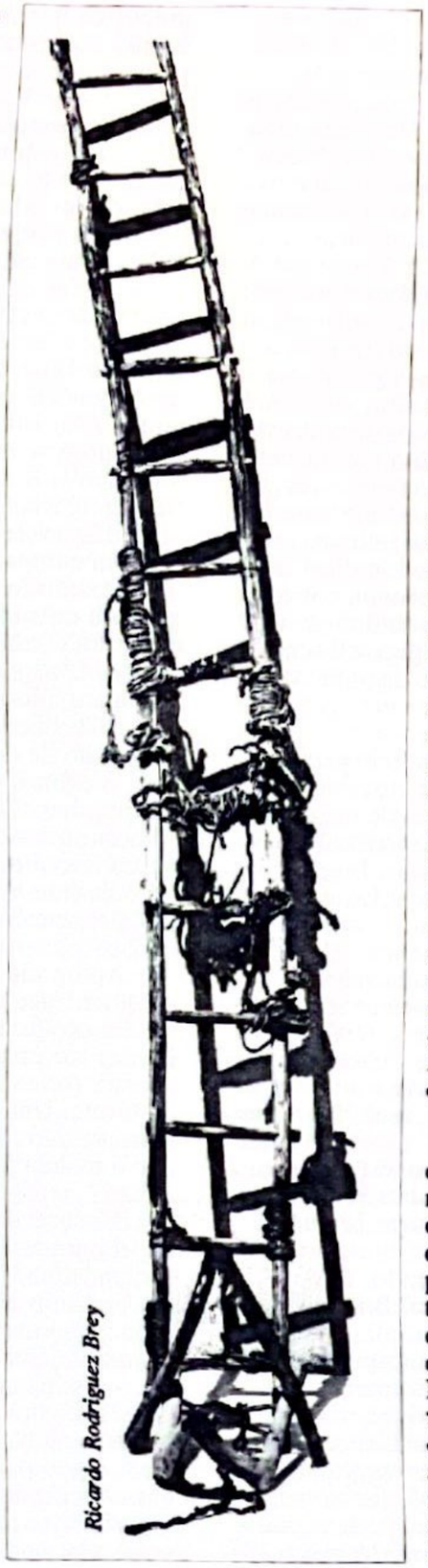
Antes de levarem-no embora, tínhamos combinado de nos encontrar na torre de Brasília, ao pôr-do-sol, no dia 31 de dezembro de 1999. Iríamos, juntos, assistir o nascimento do ano 2.000. Para que nos reconhecêssemos, tínhamos que estar com um cordão amarrado no braço esquerdo e a bíblia na mão direita.

No lugar do recruta, colocaram um preso comum, acusado de contrabando. Estava nu porque tinha lavado e estendido sua única roupa. Ia ser transferido para uma cadeia do interior de Goiás e queria ver a família limpo. Conversamos muito também e ele ficou muito comovido com a minha situação. Pedi-lhe para levar um recado para a minha família, quando fosse embora. Ele se prontificou imediatamente, dizendo que ia pedir à filha para escrever para os meus parentes. Resolvi escrever o endereço da minha casa numa ponta de jornal. Pus o papel bem dobrado num bolsinho da minha bermuda. Chamei o carcereiro protestante e lhe disse:

- O meu vizinho está com frio. Leva essa bermuda para ele.

Passou tranquilo, sem inspeção. Na manhã seguinte, levaram o meu amigo prisioneiro embora. Fiquei pensando se ele era mesmo um preso comum.

Dias e dias na solitária e ninguém me



Ricardo Rodriguez Brey

procurava. Os interrogatórios tinham desaparecido misteriosamente. Eu sentia uma solidão sem fim. Andava de um canto a outro da cela, três passos para lá, três para cá, até cansar. Os dias eram cada vez mais longos. Arranjei um passa-tempo: brincar com as formigas. Colocava restos de comida num canto, sentava ao lado e ficava observando os movimentos delas. Admirava as soluções que encontravam para vencer obstáculos e a sua solidariedade. Elas transmitiam mensagens umas às outras: paravam, levantavam a cabeça e parte do corpo, rodavam e repetiam o ritual sempre em torno da comida encontrada. Depois disso, as outras iam chegando uma a uma e começavam a carregar a comida. Qualquer acontecimento inesperado, o aviso era rápido e a retirada conjunta. Depois, voltava uma e enviava novas mensagens de que o caminho estava livre. As outras retomavam, então, o trabalho.

Quando a vigilância estava ausente, eu subia na parede da cela para observar o mundo exterior através de um pequeno buraco, a quase três metros de altura do chão. Fazia muito tempo que não via um horizonte. Na mata não dava para ver nem o nascer e nem o pôr-do-sol. Desta vez, através do buraco da minha cela, vi de novo a linha do horizonte. E isso me reconfortava.

Acordei com batidas na grade da cela e alguém anunciou minha saída. De volta às algemas, ao capuz preto, fui estirado no fundo de um carro, com a ordem de não me mexer. Desceram-me do carro e empurraram-me para dentro de um avião. Eu estava certo de que eles iriam me jogar do alto. Mas aterrissamos e surpreendentemente eles me tiraram o capuz, puseram-me um blusão que cobria as algemas, até sairmos daquele aeroporto movimentado. Era o aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro. Me levaram para a área militar do aeroporto, fizeram-me sentar em um banco, próximo a uma área descampada, sob a vigilância de uma única pessoa. Era uma armadilha, pensei eu. E sentia mesmo vontade de fugir e cheguei a pensar se teria um pique bom com as mãos algemadas. O policial resolveu sentar do meu lado e conversar. Me disse que "os homens" queriam ter uma conversa comigo e que eu devia "livrar minha cara". Ainda bem que logo chegaram os outros soldados e eu fiquei livre daquele papo-furado.

Entrei numa "veraneio", junto com soldados do Exército, que tomou rumo ignorado. As provocações não cessavam. Quando paramos e avistei o local onde tinham me levado, adivinhei logo o que ia acontecer. Me encapuzaram e me fizeram andar. Um soldado falou:

-Abaixa! Cuidado com a cabeça!

E eu dei uma cabeçada tremenda numa parede, o que arrancou gargalhadas ruidosas daqueles soldados. Ordenaram que ficasse de mãos para o alto e que não tirasse o capuz. Fiquei nessa posição durante um bom tempo, mas não ouvia mais nenhum barulho e resolvi ver onde estava. Era um local fechado e eu esta só. Ouvi o trinco da porta se mexer e recoloquei o capuz. Alguém perguntou:

- Você é o valentão?
- Você que está dizendo, respondi.
- Já foi torturado em Brasília?
- Muitas vezes, respondi de novo.

Disse para eu tirar o capuz e vi um jovem oficial, muito sério, na minha frente. E começou a dizer que tinha ódio de comunista, mas que nunca participou de tortura o que considerava "uma covardia". Acrescentou que gostava mesmo era de participar das equipes de captura e que tinha participado de ataques a grupos de guerrilheiros urbanos. E me contou alguns casos. Depois saiu dizendo para que eu "ficasse à vontade".

Entrou outra pessoa, que me colocou de novo o capuz no rosto. Percebi que me levou a um local mais iluminado, uma sala apropriada para interrogatórios. Já sem capuz, fiquei numa espécie de púlpito e foram-me oferecidos papel e lápis. Alguém falou para eu contar "tudo". Disse que já tinha feito aquilo uma vez e ele respondeu que ali era "outro departamento". Deixaram-me sozinho novamente e eu ouvi gritos vindos de outra sala. Entrou um negro forte, perguntou se eu estava entregando o "serviço". Respondi que sim e ele saiu. Reescrevi trivialidades sobre a minha vida na mata, tomando o cuidado para não cair em contradições. Os gritos na sala ao lado continuavam. O negrão voltou, suado e cansado e me mandou "escrever mais". Comecei a escrever sobre minha prisão. O negro saiu de novo. O silêncio agora era enorme e começou a me dar sono. Cochilei um pouco e acordei com o barulho de dois homens entrando na sala. Me encapuzaram mais uma vez e levaram-me. Tiraram-me a roupa e me colocaram dentro de uma sala escura e muito fria. Era a tal "geladeira". Meu sono acabou e as horas pareciam dias. Por fim, me levaram de volta à solitária.

Agora me sentia como se estivesse em liberdade, apesar dessa solitária ser totalmente fechada, com uma portinhola apenas para passar a comida. Mas de alguma forma entrava a claridade do ambiente. Um dia ouvi um soldado comentar, no corredor: "Aqui no Doi-Codi não é moleza".

Uma semana depois, me deram um papel para assinar. Perguntei o que era e responderam que "era de praxe quando um preso ia sair dali". Levantaram meu capuz, apontaram o local da minha assinatura com um dedão e disseram:

- Assina aqui.

Fui de novo colocado num carro, sem poder ver a rua. Disseram que estavam me levando para um lugar "melhor" e que eu teria um companheiro de cela. Fiquei mais tranquilo. Chegamos à minha nova cela.

O oficial do dia se apresentou dizendo que se o meu comportamento fosse "bom" eu seria bem tratado e teria direito ao banho de sol. Naquela noite fui dormir mais contente, convicto de que escapara de mais sufoco. No outro dia, chegou meu companheiro de cela. Era Zaqueu, preso por atuação na guerrilha urbana. Foi o meu melhor amigo de prisão. Conversávamos muito. E me informou que nós estávamos no quartel da cavalaria do Exército. Aliás, lá os soldados nos temiam e nos tratavam como se fôssemos super-homens e tinham medo até de deixar conosco uma vassoura, temendo que fugíssemos. Com o tempo, convenceram-se de que éramos "normais".

Zaqueu tinha pedido que trouxessem para nossa cela seu material de confeccionar bolsas de artesanato. Poderíamos fazer as bolsas e a mãe dele venderia fora do quartel. Teríamos dinheiro para comprar alguma coisa. Mas um soldado informou que o material tinha sido queimado, num incêndio no almoxarifado. Zaqueu ficou revoltado e exigiu que indenizassem.

Subindo no beliche, dava para ver a entrada do quartel e um pedaço da avenida Brasil. Ficávamos horas observando o trânsito louco do Rio. Era muito divertido. Até que um dia um sargento espalhou o boato de que nós estávamos anotando o número das placas dos carros do Exército e foi expressamente proibido que continuássemos com aquela observação. Se nos pegassem desobedecendo as ordens, nos tirariam o beliche e teríamos que dormir no chão.

Chegou outro preso para nossa cela. Era uma pessoa muito complicada e tomava tranquilizantes sem parar. Teimava em ficar em cima do beliche, olhando pelo buraco. Tentávamos convencê-lo de que era melhor obedecer às ordens dos carcereiros. Mas ele não nos ouvia. Um dia, passou o sargento e gritou-lhe:

- Desce daí, seu filho da puta!

Ele obedeceu, mas nós resolvemos defender o companheiro. O sargento saiu e voltou com uma tropa de choque, que entrou na cela e retirou tudo o que havia dentro dela, obrigando-nos a permanecer estirados no chão. Ainda bem que esse preso demorou pouco tempo conosco, senão sua neurose teria nos "contagiado".

Um ano e um mês completaram-se desde que eu fora preso. Um belo dia, um oficial acompanhado por vários soldados armados, abriu a porta da minha cela e me convidou a sair. Pela primeira vez sem algemas e sem capuz. Levaram-me, por umas escadas, a um corredor imenso. A uns cem metros de mim avistei um homem de paletó. Quando me aproximei, uma surpresa agradável: era meu irmão Gilberto. Foi um abraço muito forte e cheio de emoção. Levaram-nos para uma sala. Meu irmão estava meio constrangido com tanto cerco e nós só tínhamos quinze minutos. Começou a contar as novidades, dizendo que trazia saudades de todos. Estava vindo do Ceará, onde era professor universitário e que a filha do meu amigo prisioneiro goiano tinha mesmo mandado a carta para nossos pais; que o Exército tinha negado minha passagem pela PE de Brasília; que papai estava tentando convencer um amigo seu do Exército a interceder por mim e tinha conseguido aquela visita, etc. Me deu comida e dinheiro e disse que papai viria em seguida me visitar e queria saber do que eu estava precisando. Deu ainda a triste notícia de que nosso irmão Gilson morrera afogado e choramos os dois, emocionados. Não tinha mais clima para conversar e o tempo se esgotou.

Fui dormir confuso. Não sabia se tinha ficado alegre com a visita do Gilberto ou se estava triste com a notícia da morte do Gilson. Eu que estive às portas da morte várias vezes estava vivo e meu irmão que nada fizera tinha morrido. Lembrei-me com carinho da filha do meu amigo preso que escrevera para meus pais. Divina, se chamava, e para mim seu nome fazia jus à ela. Lembrei também do sofrimento de meus pais e meus outros irmãos.

Um tenente apareceu dizendo que ia nos levar ao barbeiro para cortar nosso cabelo, por uma questão de higiene. Mas Zaqueu suspeitou que era preconceito contra o seu cabelo de negro e se recusou a ir. Estabeleceu-se uma confusão e os soldados queriam levá-lo à força. Protestamos. Houve troca de tapas e retiraram tudo da nossa cela novamente, até o papel higiênico.

Nesse clima recebi a visita de meu pai. Ele ficou chocado com o batalhão de soldados que me acompanhavam. Seus olhos se encheram de lágrimas e, pela primeira vez na minha vida, vi uma demonstração de fraqueza da parte dele. Tinha nos dado uma educação machista, que foi a que ele teve também. Fiquei com muita pena do meu pai. Conversamos sobre a família e ele me contou das saudades de minha mãe e do quanto ela rezava por mim. Disse que Gilberto, meu irmão, havia contratado o advogado Marcelo Cerqueira para a minha defesa. Contou como estavam meus irmãos, mas nós dois evitamos falar do Gilson. Falei-lhe também que tinha tomado conhecimento de uma boa advogada, a Eny Moreira e que gostaria que a contratassem também. Deixou-me uma mala com roupas, calçados, cigarros e guloseimas.

Eu e o Zaqueu fomos transferidos para outro quartel, onde era permitida a correspondência, embora censurada. Escrevi para minha família e reforcei a necessidade de contratarem os trabalhos da dra. Eny, embora o dr. Marcelo Cerqueira já estivesse agindo.

Também nesse quartel os soldados nos superestimavam como homens. Logo no primeiro banho de sol deu para perceber: muitos soldados nos vigiavam. Zaqueu se irritou e pediu para nos levarem de volta à cela, dizendo que tinha soldados com as armas apontadas e que corríamos risco de vida. Na cela, analisamos esse fato concluímos que aquilo era fruto da formação recebida dos superiores, que nos pintavam como verdadeiros monstros. Só com a convivência conosco é que os soldados dissipavam esse fantasma.

Apareceu mais um companheiro de cela. Tratava-se do Hermes Machado, que tinha sido preso como militante da RAN (Resistência Armada Nacional) e havia participado da guerrilha de Caparaó. Conversamos muito e reforcei minha convicção de que a política é quem dirige qualquer luta e de que a questão ìdeológica no combate vale mais que a própria capacitação militar. Esses militantes da guerrilha de Caparaó tinham feito cursos no exterior, tinham muitas especialidades, praticavam tiro-ao-alvo com farta munição, tinham disponibilidade e abundância de mantimentos e medicamentos e aparelhos de comunicação sofisticados, além de muito dinheiro. Contudo, na primeira investida inimiga, se entregaram. Enquanto isso, nós da guerrilha do Araguaia tínhamos sido formados na própria área, além de termos uma estrutura material e de armamentos bastante inferiores. Mesmo assim, resistimos por mais de dois anos contra uma força várias vezes maior e mais forte do que a usada contra a guerrilha de Caparaó.

Meu irmão Gilberto reapareceu e trouxe a notícia de que a dra. Eny Moreira estava agora à frente do meu caso, sendo auxiliada pelo dr. Marcelo Cerqueira e que ambos estavam tentando conseguir visitar-me.

O Hermes pensava em escrever um livro e o Zaqueu ia agora com frequência às audiências na auditoria militar.

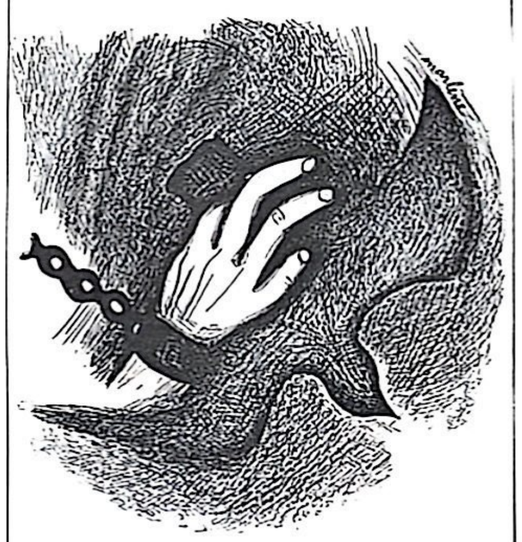
Quando meus companheiros de cela recebiam visitas, me dava muita tristeza por não poder ver sempre o meu pai e o meu irmão. Mas entendia as dificuldades de ambos em deslocarem-se do nordeste para o Rio com frequência. Admirava a solidariedade deles comigo. Meu pai, então, me surpreendeu. Uma vez ele tinha me dito que preferia me ver plantando batatas do que me ver comunista. Nem por isso faltou com a sua solidariedade para com o filho preso que, além de comunista, também tinha virado plantador de batatas.

Continuaram nossos banhos de sol e vez por outra já lia algum livro, emprestado por familiares dos companheiros e liberados pela direção do presídio. Hermes nos ensinava um pouco de karatê. Era uma boa maneira de nos mantermos em forma. A hipótese de uma fuga, embora dificílima, não era descartada. Estava sempre atento para essa possibilidade.

No mês de julho de 1974 o comando do 1° Exército resolveu juntar, em um só quartel, todos os presos políticos espalhados em várias prisões. E lá fomos nós também, dentro de um camburão quase sem ter por onde respirar. Na entrada, tiraram as nossas roupas para nos revistar e depois nos encapuzaram. Fui levado para um galpão talhado na rocha, úmido, com as paredes cheias de fungos. Estavam lá também, além do Hermes, Cláudio Torres, Nelson Filho, Amadeu Rocha, Carlos Sales, Sérgio, Jeferson, Resende e um capixaba que tinha dedurado vários membros da nossa direção. Estranhei a ausência do Zaqueu. O comandante do presídio, major Haroldo, apareceu rodeado de soldados. Disse-nos que nós, da "cela A" teríamos que suportar 40 dias sem visitas até que nossa situação se normalizasse. Mas que teríamos médico e dentista à nossa disposição. Perguntei pelo Zaqueu e um tenente apenas respondeu que ele estava numa cela, sendo bem tratado. Disseram ainda que deveríamos escolher um representante para apresentar os problemas que surgissem, quando fosse necessário. Escolhemos o Amadeu. Sugeri que entrássemos em greve de fome até a volta do Zaqueu e o fim da nossa quarentena.

Solicitamos uma nova presença do comandante, mas quem surgiu no seu lugar foi o capitão Martins. Amadeu relatou as nossas reivindicações e ele respondeu que as ordens continuariam sendo as mesmas.

Nossa greve de fome começou, mas logo dois desistiram. Tentamos, através de um bilhete jogado por uma janela, conseguir a adesão dos presos da cela B, mas eles não toparam. Prometeram que iriam ajudar a divulgar. No quarto dia da greve, entrou um pelotão de choque na nossa cela e levaram eu e mais dois companheiros arrastados para dentro de duas solitárias que chamavam de "celas do passado". Os dois companheiros ficaram juntos na cela maior. A minha era uma espécie de buraco cavado na rocha. Tinha três metros de comprimento e nem perto da porta dava para eu ficar de pé, por causa do teto baixo. À noite apareceram as maiores ratazanas que eu jamais tinha visto.



Expulsava-as a pontapés, mas logo desisti. Ainda por cima, havia um vaso sanitário cheio de feses, causando um fedor insuportável. Resolvi tentar dormir.

No terceiro dia de solitária, apareceu um médico e disse que eu não tinha condições de conviver naquela imundície. Prometeu dar um jeito. Saiu e voltou depois com alguns soldados, que traziam baldes de água do mar. Eu falei que só jogar água não ia adiantar, que podia espalhar merda para todo lado. Pedi um saco plástico e um cordão para dar um jeito de desintupir a privada. Envolvi meu braço no saco plástico e enfiei a mão dentro do vaso até que consegui desintupir. Depois, os soldados lavaram tudo. Ofereceram-me comida e eu recusei. Aquela noite pelo menos dormiria num local mais limpo e sem ratazanas, pois tamparam o buraco por onde elas entravam.

Os companheiros da cela A negociaram a greve de fome pelo nosso retorno. Voltamos os três para a cela grande. Podíamos agora ir tomar sol num pátio alto, com vistas para o mar. Só não podíamos atravessar a faixa amarela, pois os soldados postados nas vigias tinham ordens de atirar em quem ultrapassasse aquele limite. De lá dava para ver o pessoal da cela B. Embora não conhecesse ninguém sabia, pelos companheiros, que lá estavam Alex, Alípio, Jarbas, Paulo Henrique, Rômulo, Toni, André, etc. Vi que eles tinham até livros. Os companheiros gostavam muito dos meus relatos sobre a guerrilha do Araguaia.

Meu irmão Gilberto estava, então, encontrando enormes dificuldades para me ver nesse novo presídio. Teve que recorrer até ao Cardeal Dom Eugênio Salles, bispo conservador. E conseguiu me ver apenas por dez minutos. Deu notícias da atuação da dra. Eny que estava tentando conseguir minha liberdade. Deu mais notícias da família e deixou-me mais carteiras de cigarros.

Veio um novo preso para a cela coletiva. Era o Bajara, um louco, o que nos deixou preocupados. Sua loucura era fruto da tortura e ele defendia a ditadura militar de uma forma intransigente. E não adiantava nada discutir com ele. Certa noite acordamos com os gritos de um colega que estava sendo estrangulado pelo louco. Conseguimos dominar o Bajara e o amarramos. Comunicamos o fato à direção do presídio e pedimos sua transferência dali. Mas a direção fez vistas grossas e só atendeu nosso pedido depois de muito vai-e-vém. Tiveram muitos bate-bocas, invasão da nossa cela e chegaram até a jogar dentro dela duas bombas de gás lacrimogêneo. Resolvemos combinar com a cela A uma pauta conjunta de reivindicações e pensávamos na possibilidade de uma nova greve de fome.

ACHADOS E PERDIDOS – 14 X 18 cm – 1979

A Liberdade

Foi nesse clima que tive uma inesperada surpresa. Entra na cela um capitão segurando a minha maleta e me diz:

- Venha comigo.Você vai embora.

Me despedi dos companheiros, sem ter certeza do que se tratava.

Saí da Fortaleza de Santa Cruz escoltado, dentro de um carro do Exército. Via a bela paisagem do Rio de Janeiro de cima da ponte Rio-Niterói. Como era bom ver as pessoas andando livres... E pensava: como será que essas pessoas estão vendo o primeiro ano de governo Geisel?

Me levaram para o comando militar do Rio. Lá fui novamente obrigado a ouvir velhos refrões de "cuidar da minha vida", de não entrar "em outra fria daquela" e de que nossa luta estava "no fim". Com ares de bondosos, anunciaram a minha liberdade. Interrogaram e anotaram todas as respostas que eu dava sobre o que eu pretendia fazer, para onde iria, com quem, quando e quanto tempo. Respondi àquele mesmo questionário novamente aos comparsas militares do Rio Grande do Norte, quando lá cheguei.

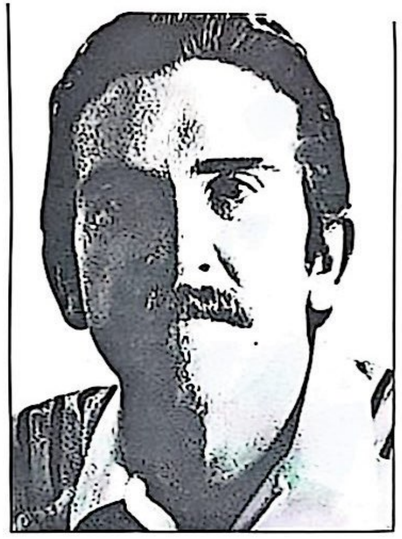
Fiquei na casa da Dra. Eny até que meu irmão providenciasse a minha ida para o nordeste. Além dela, a quem serei eternamente grato pela determinação e coragem, devo agradecer também ao dr. Marcelo Cerqueira que auxiliou nesse processo, mas que eu não tive a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente.

No vôo com destino à Fortaleza, já tinha um objetivo em mente: reconstruir o Partido de 35 em meu Estado, o Rio Grande do Norte. Apesar das dificuldades, não demoraria muito a concretizar esse sonho.

Cerca de 15 familiares me aguardavam no aeroporto. Apesar da grande alegria em revê-los, após mais de quatro anos de ausência, não seria ainda ali que mataria a minha maior saudade. Fui para Caraúbas, interior do Rio Grande do Norte, meu ponto de partida, para abraçar e beijar a minha querida mãe, que me esperava tão ansiosa!

Em janeiro de 1975, com os festejos de São Sebastião padroeiro da minha cidade, enfrentando outras dificuldades, comecei uma nova vida.

NATAL (RN), 25 DE JULHO DE 1989



Glênio, ao concluir o relato sobre a sua participação na guerrilha do Araguaia, escreveu a seguinte carta a Elza Monerat, também ex-guerrilheira, atualmente membro do Comitê Central do PCdoB:

Natal, 13 de agosto de 1989.

Camarada Elza Monerat,

Só agora está sendo possível enviar-lhe o trabalho, faltou-me pulso para reservar mais tempo ao mesmo e terminou sendo feito nas madrugadas até o dia 25 de julho. Além do mais houve atraso na datilografia, devido a problemas técnicos e humanos no início.

Estava também prevista a vinda de Lula para o dia 12, que acabou sendo só Bisol devido a Volta Redonda, e o funcionamento e a preparação da Frente Brasil Popular exigiu muito a minha dedicação.

Terminou não sendo possível uma avaliação geral de toda a experiência porquanto exigiria de mim mais reflexão e algumas pesquisas.

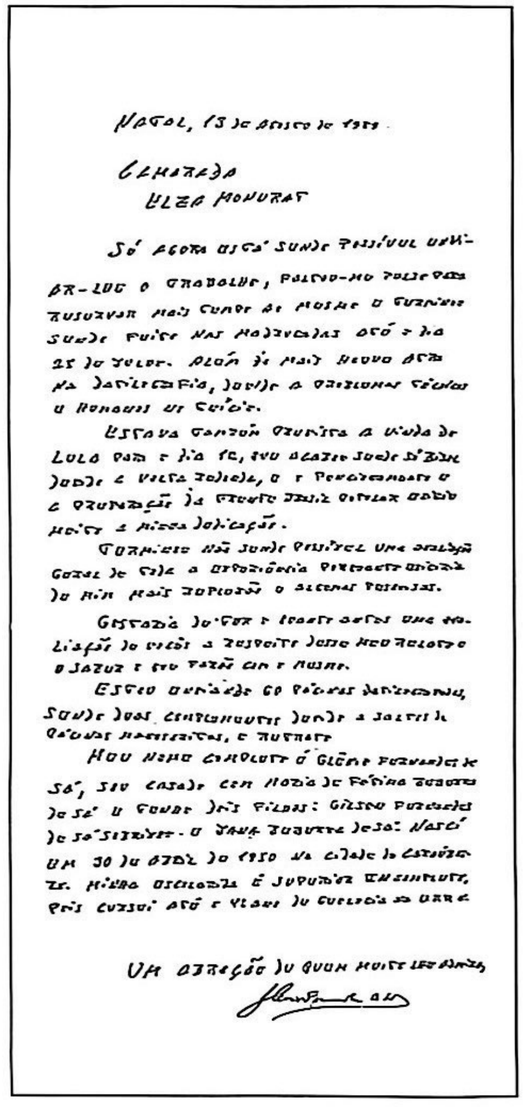
Gostaria de ter o quanto antes uma avaliação de vocês a respeito desse meu relato e saber o que farão com o mesmo.

Estou enviando 60 páginas datilografadas, sendo duas complementos devido a saltos de páginas manuscritas, e retrato.

Meu nome completo é Glênio Fernandes de Sá, sou casado com Maria de Fátima Bezerra de Sá e tenho dois filhos: Gilson Fernandes de Sá Sobrinho e Jana Bezerra de Sá. Nasci em 30 de abril de 1950, na cidade de Caraúbas, RN. Minha escolaridade é superior incompleto, pois cursei até o 4° ano de Geologia na UFRN.

Um abração de quem muito lhe admira,

Glênio Fernandes de Sá



Partem os caminhantes do sonho*

Christian Vasconcelos**

No dia 26 de julho de 90, dois dirigentes do Partido Comunista do Brasil no Rio Grande do Norte, Glênio Sá, candidato ao Senado, e Alírio Guerra, candidato a deputado estadual, perderam a vida num acidente automobilístico entre as cidades de Coronel Ezequiel e Jaçanã, na região Agreste do Estado. Com eles estavam também o advogado Antenor Roberto, candidato do PCdoB a deputado federal, e o bioquímico Valdo Teodósio, que ficaram feridos.

Surpreendida pela tragédia que levou a vida de dois de seus mais queridos e valorosos filhos, Natal acordou com seu brilho solar ofuscado por esta dor tão doída e, somando-se aos militantes do PCdoB, familiares e amigos de Glênio e Alírio, chorou essa partida sem volta.

O Partido Comunista do Brasil, neste momento de grandes lutas políticas em todo o país, sente-se duramente atingido com a perda de dois de seus melhores quadros, que empunharam durante toda a sua vida, com vigor e combatividade, a bandeira do socialismo. Orientaram toda a sua ação para a conquista desse objetivo libertador, o que os dignifica diante de todos aqueles que os conheciam. Em especial, os trabalhadores e democratas do Rio Grande do Norte sabem a lacuna deixada por esses companheiros, pois era ao lado do povo trabalhador e dos idealizadores de uma sociedade democrática e livre que estavam Glênio e Alírio, colocando à disposição dessa causa toda a sua sabedoria e experiência.

Desde o dia do acidente, a sede regional do PCdoB e as residências de nossos camaradas se tornaram verdadeiros depositários das mais calorosas mensagens de solidariedade vindas de todo o Brasil, dos mais diferentes segmentos da sociedade, como milhares de telefonemas e telegramas. As chamadas telefônicas para a residência do companheiro Alírio chegaram a ficar interditadas, levando-se até quatro horas para se conseguir uma ligação.

Como prova do reconhecimento incontestável ao valor dos camaradas, diversas entidades e partidos políticos se colocaram à disposição de nosso Partido naquele momento, além de tomarem iniciativa própria no sentido de registrar diante da sociedade seu pesar, com manifestações na imprensa, com notas assinadas por todos os sindicatos e partidos políticos.

No final da sexta-feira, 27, dia de muita dor, enquanto o sol começava a corar a terra no seu ritual diário de se esconder para acordar no dia seguinte, também seguiam Alírio e Glênio em outro ritual e, infelizmente, para não voltarem mais.

Centenas de carros e ônibus que se deslocavam lentamente num grande cortejo marcado pelas bandeiras vermelhas dos partidos e da CUT, eram saudados em todas as ruas pelas pessoas que se punham nas calçadas para também darem seu último adeus àqueles que por tanto tempo foram seus porta-vozes na luta por uma sociedade justa e igualitária.

Na caminhada de pelo menos 500 metros até o cemitério, quando se cantou a "Canção da América", de Milton Nascimento e Fernando Brandt, insistindo que "amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito" reafirmávamos o vigor das suas vidas e gritávamos seus nomes acrescidos da frase "está presente".

A chegada ao cemitério, no que pese todo sofrimento vivido pelos militantes do PCdoB, companheiros do movimento sindical, popular e democrático e, particularmente, seus familiares, foi um momento de muita emoção. Ali mais uma vez era reafirmada a presença de toda a sociedade através de centenas de coroas de flores enviadas pelos mais diversos segmentos.

Nessa hora, houve um ato político, com a execução do Hino Nacional, simbolizando os grandes cidadãos, grandes políticos e grandes patriotas que o Brasil perdia, sobretudo o Brasil sofrido e marcado pelas injustiças. Com a presença de uma representação do Comitê Central, dos membros do Comitê Regional do PCdoB, de diversos segmentos políticos locais e os familiares, registraram-se o maior legado deixado pelos camaradas foram as suas idéias libertárias, acrescentando "ser preciso ter muitas vidas para se despedir de companheiros como Glênio Sá e Alírio Guerra".

Ao som do hino dos oprimidos, "A Internacional", os camaradas foram levados ao último leito, envoltos nas bandeiras vermelhas do PCdoB.

**Manchete do jornal DOIS PONTOS, de Natal.*
***Membro do Comitê Regional do PCdoB no RN (Esta matéria foi publicada no jornal "Classe Operária", n°46*

Homens e ideais

Editorial do jornal O POTI, de Natal/RN, do dia 27/07/1990:

Esta não é a hora de julgar o acerto das posições políticas e ideológicas assumidas por Alírio Guerra e Glênio Sá ao longo de suas vidas. Se um sonhava com a implantação do socialismo como uma utopia possível e se o outro lutava, com as armas e depois com as palavras, para implantar a democracia ideal com a igualdade social.

Importa registrar que eram homens de ideal, movidos pela estranha força que move o animal político, consciente de seu papel, construtor do seu próprio destino. Importa registrar que, acreditando na luta, lutaram até o limite de suas forças, deixando o legado da coerência, mesmo diante de todas as dificuldades e derrotas.

A luta política se faz assim, com homens e ideais. Sem eles, a política seria uma monótona ciência de postulados exatos e, para exercê-la, seria necessário apenas ser um calculista dos gestos e afirmações. A política é uma ciência e, ao mesmo tempo, uma arte, na medida em que é um permanente desafio ao homem.

Arrastando seus destinos traçados no próprio rosto, cada um soube acreditar nos seus ideais, investir nos seus sonhos, combater seu combate. E, como se adivinhassem o futuro tão pequeno, tinham pressa. Corriam todas as regiões do Estado, participavam de todos os movimentos, tocavam a vida como se ela fosse uma missão política.

(...)Mas, Glênio e Alírio nunca prometeram vitória a ninguém. Prometeram lutar. E isso eles fizeram até à morte.

Um duro golpe

Telegrama do presidente nacional do PCdoB aos comunistas potiguares e às famílias de Alírio e Glênio:

Profundamente consternados pela notícia do acidente que roubou a vida dos nossos queridos camaradas Glênio e Alírio, enviamos aos comunistas do Rio Grande do Norte e às famílias dos mortos sentidas condolências.

O desaparecimento desses dois camaradas, que dedicaram o melhor de sua existência à luta pela liberdade, a independência nacional e o socialismo, em defesa dos interesses dos trabalhadores e do povo, representa um duro golpe para o Partido.

Fica, porém, o seu grande exemplo de abnegação e combatividade, como dirigentes e militantes comunistas, que há de inspirar os camaradas do Rio Grande do Norte na tarefa de levar adiante os ideais que eles defenderam com dignidade e ânimo revolucionário.

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil inclina suas bandeiras de combate em homenagem aos camaradas Glênio e Alírio, mortos no cumprimento de tarefas políticas do Partido. Seus nomes serão sempre lembrados por todos os que lutam por um mundo livre e progressista.

João Amazonas
pelo Comitê Central do PCdoB

Militantes exemplares

Dynéas Aguiar*

Vítimas de trágica ocorrência, faleceram os camaradas Glênio Sá e Alírio Guerra e ficaram feridos os companheiros Antenor Roberto e Valdo Teodósio. O acidente ocorreu quando cumpriam tarefas do Partido ligadas à campanha eleitoral.

Os camaradas Glênio e Alírio vinham se projetando no Rio Grande do Norte como lideranças comunistas com grande base popular.

É uma grande perda para o nosso Partido no Estado e nacionalmente. Suas militâncias foram interrompidas num momento em que atingiam plena maturidade pela experiência acumulada de dezenas de anos de dedicação integral à causa revolucionária do proletariado e do povo brasileiro.

Glênio e Alírio se incorporaram à luta no período da ditadura militar. Estudantes, participam das gloriosas batalhas que marcaram a presença da juventude em defesa da soberania nacional e das liberdades democráticas, no final da década de 60.

Após a decretação do AI-5, Alírio passa à clandestinidade e continua atuando no nordeste. Glênio, nessa época, desloca-se para o campo. Junto a dezenas de outros militantes do PCdoB, organiza a resistência armada ao banditismo e ao terrorismo do ditador Garrastazu Médici.

Em abril de 1972, quando as forças armadas atacaram os moradores do sul do Pará, Glênio se encontrava entre os que enfrentaram audazmente a violência do regime militar. Glênio foi elemento ativo das Forças Guerrilheiras do Araguaia. Preso, foi dos poucos que conseguiu sobreviver às torturas e sevícias que sofreram os que caíram nas mãos dos detentores do poder.

Juntamente com Alírio e outros camaradas, procura imediatamente reorganizar o Partido no Estado. Esta reestruturação exigia não só dedicação, mas, igualmente, capacitação política e firmeza ideológica para enfrentar os ataques que grupos anticomunistas, posando de "esquerdistas", desencadearam contra o PCdoB.

O agrupamento de comunistas que foi se constituindo em torno de Glênio e Alírio repudiou a tentativa dos divisionistas que tentaram rachar o Partido em 79/80. Desde então, o Partido no Estado cresceu, expandiu sua organização não só na capital como também em um bom número de municípios do interior. Politicamente a nossa influência vem se consolidando no movimento sindical, popular, na organização das mulheres e da juventude.

Estes êxitos, fruto da atividade abnegada de nossos militantes potiguares, devem-se também ao exemplo de combatividade e dedicação ao Partido e à Revolução, que sempre foram as marcas de Glênio e Alírio.

O exemplo de dedicação ao Partido e à luta do proletariado que marcaram as vidas a a militância de Glênio e Alírio servirá de estímulo e fator de educação para os atuais militantes do Partido e para as centenas de milhares de novos membros que, sem dúvida alguma, irão se incorporar às fileiras do Partido Comunista do Brasil.

Nós, comunistas, militantes e dirigentes do PCdoB reverenciamos nossos heróis, nossos mártires e os camaradas que tombaram em seu posto de combate, convictos da causa que abraçamos, a mais nobre na atual sociedade. Sua vitória demonstrará que nenhum sacrifício foi em vão, pois sem luta e abnegação não pode haver liberdade para o povo e independência para a nação.

**Da direção nacional do PCdoB.*
(Artigo publicado no jornal "A Classe Operária" nº 46

Manifestações de Solidariedade

Ao saberem da morte dos dois destacados dirigentes do PCdoB do Rio Grande do Norte, centenas de pessoas, entidades populares e sindicais e políticos do mais variados partidos enviaram telegramas ou telefonaram para a sede do diretório regional do Partido. Devido à grande quantidade de mensagens recebidas, via telefone, as casas dos militantes foram tambem utilizadas para receberem as ligações, que demoravam até quatro horas para se conseguir uma ligação. Cinquenta entidades sindicais e populares daquele Estado assinaram uma nota de pesar e solidariedade às famílias dos mortos e ao PCdoB, pela perda irreparável de dois dos seus dirigentes. Entre as mensagens recebidas, destacam-se as que se seguem:

A Comissão Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores tem doloroso pesar de comunicar a morte dos companheiros Glênio Sá e Alírio Guerra em acidente automobilístico na cidade de Jaçanã, no interior do Rio Grande do Norte. O companheiro Glênio Sá era militante do PCdoB e candidato da Frente Popular Potiguar ao Senado Federal. O companheiro Alírio Guerra era destacado militante sindical classista da CUT e candidato à Assembléia Legislativa. Lamento a morte de tão valorosos companheiros. A Comissão Executiva do PT se associa à dor de todos os socialistas e democratas do Rio Grande do Norte. Transmite às famílias de Glênio Sá e Alírio Guerra as mais sentidas condolências.

Luís Inácio Lula da Silva,
Presidente nacional do PT

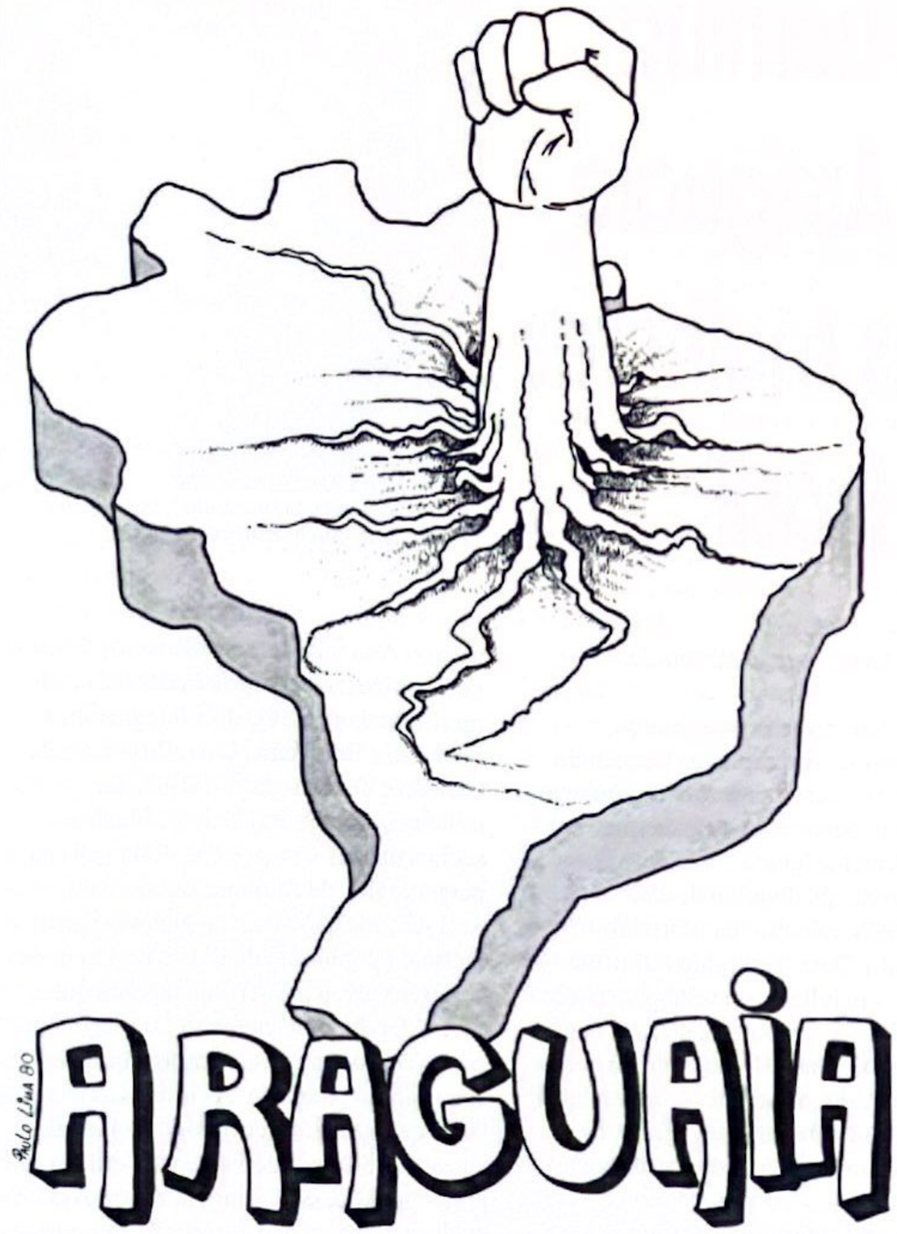
Família socialista brasileira, profundamente consternada, lamenta perda irreparável combativos companheiros Alírio Guerra e Glênio Sá.

Jamil Haddad,
Presidente nacional do PSB
e Roberto Amaral,
Secretário Geral do PSB

Lamentamos o brutal acidente que vitimou os amigos e companheiros Alírio Guerra e Glênio Fernandes de Sá, valorosos lutadores das causas justas. Os latino-americanos de origem palestina estão solidários neste momento de tristeza com todos os seus familiares e membros do Partido.

Prof. Hanna Yousef Safieh e
Ali Al-Khatib, da Confederação Palestina da
América Latina e do Caribe

ANEXO:



A GUERRILHA DO ARAGUAIA E AS MULHERES DO BRASIL

MYRIAN LUIZ ALVES

A Guerrilha do Araguaia e as mulheres do Brasil

Luzia Reis (Lúcia ou Baianinha), na foto com 22 anos. Integrou o Destacamento C

Para Luzia Reis, a Baianinha

Numa quinta-feira, 4 de março, matéria do jornalista capixaba Leonêncio Nossa, em *O Estado de S.Paulo*, trouxe a revelação de Sebastião Curió de que Dinalva Oliveira Teixeira, a Dina, teria morrido no dia 24 de julho de 1974.

Em 1993, relatório da Marinha apontava que Dina "teria sido morta em Xambioá", em julho daquele ano, mas não indicava o dia, e o Exército, do qual fazia parte o então agente Marco Antonio Luchini, o Curió, nada dizia sobre a mais conhecida guerrilheira do Araguaia. Para a população do Araguaia, porém, Dina não morreu.

Para os pesquisadores da Guerrilha, fatos como esse impressionam pela frieza e pela maneira como a história do País é tratada: informações sérias são reveladas e pouco se faz para a reconstituição dessa luta tão bela e cruel pela redemocratização do Brasil.

Dina, geóloga nascida em Argoim, hoje Castro Alves (BA), vivia com seu marido Antonio Monteiro Teixeira, também geólogo da Universidade Federal da Bahia, no Rio de Janeiro. Os dois integravam a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e Tecnologia — SBPC. Na militância comunista, faziam trabalhos sociais nas favelas cariocas. Juntos, foram para a região de Abóbora, sul do Pará.

A lenda que mantém Dina viva na memória da população de toda a região onde se desenvolveu a Guerrilha, aponta que a vice-líder do Destacamento C teria sido a primeira moça a mergulhar de biquíni nas águas do rio Araguaia. As mulheres lembram que isso aconteceu logo depois da chegada de Dina. Meses depois, era em sua porta que as pessoas batiam, mesmo de madrugada, para que ela fosse fazer partos ou prestar socorro aos necessitados. João Carlos Hass, Dina, Luzia Garlippe (Tuca), Paulo Rodrigues, Paulo Roberto (Amauri) e tantos outros ficaram na memória justamente por essa qualidade: o auxílio médico e certeiro à população local.

Hoje, ao circular no Araguaia, é comum ouvir pessoas contarem que Dina fez isso, Juca fez aquilo, como Tuca as tratou, que Amauri ficava na cabeceira das parturientes, esperando com paciência o momento de retirar os bebês. Acarinhava, conversava, acalmava as futuras mães e recebia os novos moradores com carinho de um pai fraterno. Antes, Amauri era bancário em Belo Horizonte.

A pesquisa sobre a Guerrilha aponta que talvez tenha sido o doutor João Carlos o responsável por esse espírito humanista. E isso teria sido adquirido por todos os camaradas que ali iriam participar dos combates. Ao mesmo tempo, ao conhecer a população do sul do Pará, do Maranhão e norte do Tocantins, pode-se concluir que ali houve uma permuta, já que o carinho transmitido por aquela gente traz a sensação de que o povo brasileiro é bom. É tão bom que não esquece aqueles amigos e nos faz sentir vontade de conhecê-los, ou perceber o feio sentimento de inveja, por não ter tido a sorte desse convívio.

Há três semanas, como biógrafa de Líbero Giancarlo Castiglia, o italiano Joca, vi lágrimas nos olhos de Eduardo, seu ex-vizinho na Faveira. "Sinto saudade deles, era gostoso chegar na casa do Joca e de dona Maria (Elza Monnerat) e tomar aquele café diferente (eles não colocavam o açúcar direto na água, como é costume na região) e depois um ajudava o outro, nas coisas de casa, na minha roça, e eles trabalhavam o tempo todo, sempre arrumavam algo para fazer. Sinto falta daquela amizade."

Otacílio, o Baiano, o primeiro prisioneiro da região, liga todos os anos para o diretório carioca do PCdoB para cumprimentar dona Maria em seu aniversário. Para ele, nem importa se vai conseguir falar com ela, o que vale é o recado, o gesto.

Para ouvir as histórias de Lúcia Maria, a médica Sônia, na região de São Domingos, é preciso ser forte. É quase impossível conter o choro. E não é apenas pelo fato do que tenha ocorrido, da forma bárbara como se deu seu combate e sua morte, mas por causa da saudade por ela deixada. Como diz o filho de dona Margarida, que deveria ter nascido por suas mãos: "homens que foram o sonho, enquanto o sonho fugia dos homens", em poema dedicado à Sônia e seus companheiros.

Ao conversar com militares que atuaram nessa região, a beleza de Jana Barroso (Cristina) sempre é destacada. "Foi a mulher mais bonita que já vi", dizem. Na tese de Romualdo Pessoa isso é lembrado: "quando a polícia chegou, pensei que o pai da Cristina tinha mandado eles aqui para levá-la de volta", lembra um amigo do destacamento. Ou ainda, "era a flor da subversão na boniteza", como registra um morador. Tuca, presa em 1974 na Bacaba, ainda recomendou aos filhos do ex-sargento Santa Cruz que não pusessem sementinhas no bico do papagaio e depois colocassem em suas bocas novamente, pois isso poderia dar doença. Tuca, ex-enfermeira-chefe do Departamento de Doenças Tropicais do Hospital das Clínicas de São Paulo, loira, alta e bonita, andava sempre acompanhada da japonesinha Chica (Sueli Yomiko), assistente da Comissão Médica da Guerrilha, como lembram as mulheres da Palestina. Telma Regina, a Lia, pequena em sua estatura, carinhosa com seus amigos e grande guerrilheira, todos sabem, foi presa, mas somente seus captores podem contar o que se passou depois.

Ah! A Rosinha (Maria Célia Corrêa), tão delicada quanto corajosa. Uma moradora, sua amiga, conta a Romualdo o último diálogo: "Rosinha, se eu pudesse, te enterrava no chão de minha casa, deixava só sua boquinha para fora para te dar comida, só para esse povo (militares) não te matar". E ela respondia: "Não fique triste, estamos aqui para isso mesmo, é para lutar e morrer também".

A baiana Diná (Dinaelza Coqueiro) deixou fama de braba, valente, daquele tipo de mulher que mesmo no infortúnio da covardia não levava desaforo, pois, se fosse preciso, xingava mesmo. Presa, foi esse o

seu comportamento, o de uma guerreira contra a crueldade impetrada contra o povo que os havia recebido com simplicidade e amizade.

A história de Dinaelza se confunde com a de Áurea Elisa Valadão. Ela, dizem, ganhou fúria de leoa, como registra o jornal *O Estado do Maranhão*, em fevereiro de 2002. Professora das crianças de Caiano e Xambioá, Áurea foi vista por muita gente quando presa em 1974. Amaro Lins e sua companheira Neuza registraram esses fatos logo após a saída dele da prisão. Amaro atestava que Áurea chegou a datilografar seu depoimento.

Os registros militares de 1972 afirmam que os guerrilheiros "construíram e mantêm uma escola para as crianças". A escola era da estudante do Instituto de Física do Rio, Áurea, famosa na região por sua facilidade em lecionar matemática.

Maria Lúcia Petit deixou, ainda no início da Guerrilha, sua doçura de flor. É a única militante do Araguaia identificada. O encontro de seu corpo, em 1991, provava que era possível encontrar os companheiros. Cinco anos depois de Elza ter afirmado que o corpo era de Maria Lúcia, a Unicamp a identificou. A morte da ex-dirigente da UNE, Helenira Rezende, a Fátima, foi denunciada pelas romarias ao local onde teria sido enterrada. Alegre, Helenira acreditava numa sociedade socialista. Saiu das torturas do Dops paulista para a liberdade das matas do Araguaia. Lutou olhando nos olhos de seus algozes.

Essa Guerrilha traz a iniciativa de, pela primeira vez na história, reunir num mesmo local tantas mulheres de vários estados. Entre as que já estavam, mas não chegaram a participar dos combates, as que tentaram chegar e as que sobreviveram após a prisão, são seis. Apresenta ainda o fato de 88 pessoas ao todo, no início de abril de 1972, enfrentarem mais de oito mil componentes das Forças Armadas ao longo de três anos. A última a ser morta, segundo os militares, em 25 de outubro de 1974, foi Walquíria Afonso Costa, de maneira covarde, como aconteceu com vários guerrilheiros, porque já estava presa. Val, mineira e pedagoga, tocava acordeom, instrumento que ela carregou para o Araguaia, quando para lá seguiu com seu companheiro Idalísio Soares Aranha, bom tocador de violão. Nos fins de 1974, essa professora obrigava homens brutos a persegui-la na mata. Teria sido ela, uma mulher, a última resistente dessa longa história.

Viva, em Salvador, Baianinha revela que seu sonho, após a prisão, era reencontrar seus companheiros. Recorda o carinho de Dina tratando de feridas na perna de Antonio, que já não era mais seu marido. Cuidava dele com o carinho de uma mãe. Quando a comida era feita por Dina, lembra Luzia, todos ficavam felizes, o clima era de festa.

Graças às pessoas como Luzia Reis, e durante esses 30 anos, às memórias de Elza, é possível recontar a história também por outros ângulos. Como diz Luzia, "fui uma combatente em meu país". E agora, estamos todos aqui, vivendo, pela primeira vez, outro ineditismo histórico: ter representantes da classe trabalhadora e de tantas lutas dirigindo o Brasil.

Nesse 8 de março, fica aqui para Luzia essa homenagem. Sua foto, presa, eternizou o olhar de todas as que ali tombaram por dias melhores. Cabe a todos nós provar que a coragem de Dina e suas camaradas não foi em vão. E uma das experiências mais incríveis na vida de uma pesquisadora dessa história é poder ter a honra de conhecê-las, vivas ou eternamente lutadoras em sua morte, companheiras, amigas, sensíveis, inteligentes, cozinhando, fazendo um parto ou empunhando um fuzil. Se hoje o Araguaia não as esquece, nossa obrigação é levá-las para todo o Brasil. O Brasil, nossos filhos e netos agradecem.

Myrian Luiz Alves
Jornalista/Pesquisadora da Guerrilha do Araguaia (artigo publicado no portal *www.vermelho.org.br*, em 18 março de 2004)

NA ANTIGA morada só encontrei cinzas. Para mim aquela casa tinha sido uma verdadeira universidade da vida, da transformação de homens em pessoas especiais e capazes de vencer as maiores dificuldades. Neste local acredito que aprendi tudo o que de fato tem valor na minha existência.

TINHA CAÍDO numa armadilha bem montada, a única capaz de me pegar vivo e explorar meus pontos fracos. Até hoje me pesa na consciência ter quebrado a nossa disciplina e caído nas mãos do Exército.

NO VÔO com destino a Fortaleza, já tinha um objetivo em mente: reconstruir o Partido de 35 em meu Estado, o Rio Grande do Norte. Apesar das dificuldades, não demoraria muito a concretizar esse sonho.

Glênio Sá (1950/1990)